



literatura
livre

Xingu

EDITH
WHARTON

Xingu (1916)

Tradução: Adriana Zoudine

Edição bilíngue:
PORTUGUÊS • INGLÊS

Sesc

— •
literatura
livre

Xingu

Edith Wharton

Edição Bilingue

Sesc **mojo**.org

— •
literatura
livre

Xingu

Edith Wharton

Tradução:
Adriana Zoudine

Edição Bilingue
Português-Ingês

sesc **mojo**^{org}

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

W553 Wharton, Edith (1862-1937)
Xingu / Edith Wharton. Tradução de Adriana Zoudine. – São Paulo:
Instituto Mojo, 2022. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI
Disponível em: <https://mojo.org.br>

Título Original: Xingu. Edição bilingue Português / Inglês.

ISBN 978-65-89008-30-9

1. Literatura Americana. 2. Conto. 3. Questões Sociais. 4. Crítica Literária. 5. Sátira. I. Título. II. Série. III. Zoudine, Adriana, Tradutora. IV. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre. VI. Jones. Edith Newbold (1862-1937).

CDU 820(72)

CDD 810

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Xingu

1	7
2	17
3	39
Xingu	63
I	65
II	75
III	93
Manifesto pela democratização do domínio público	109
Literatura Livre	110
Instituto Mojo	111
Ficha técnica	112

1

Asra. Ballinger é uma daquelas mulheres que vai em bando no encalço da cultura, como se fosse perigoso buscar o conhecimento sozinha. Para esse fim, ela fundou o Almoço Erudito, uma associação composta por ela mesma e várias outras indomáveis caçadoras da erudição. O Almoço Erudito, após três ou quatro invernos de refeições e debates, adquiriu tamanha reputação nas redondezas, que a recepção de distintos forasteiros foi definida como uma de suas funções. Sendo assim, um convite foi devidamente estendido à célebre Osric Dane para que estivesse presente na próxima reunião, no dia de sua chegada a Hillbridge.

O clube se reuniria na casa da sra. Bellinger. Pelas costas dela, as outras associadas estavam unânimes em lastimar secretamente sua recusa em ceder seus direitos em prol da sra. Plinth, cuja casa era um cenário mais majestoso para receber celebridades, pois, como observou a sra. Leveret, tinha, até mesmo, uma pinacoteca à qual recorrer.

A sra. Plinth não fazia nenhum segredo ao compartilhar esse ponto de vista. Ela sempre considerou como uma de suas obrigações a acolhida dos ilustres convidados do Almoço Erudito. Ela tinha quase tanto orgulho das suas incumbências quanto da sua pinacoteca. Gostava, de fato, de deixar implícito que uma coisa levava à outra, e que só mesmo uma mulher de posses como ela podia se dar ao luxo de ter um padrão de vida tão destacado assim. Um senso geral de dever, adaptável a vários fins, era, na sua opinião, tudo o que a Divina Providência cobrava dos mais humildes. Mas o poder predestinado à sra. Plinth de ter um laçao a seu serviço claramente a qualificava a também manter outros criados igualmente especializados. Era, portanto, mais do que lamentável o fato de que a sra. Ballinger, cujas obrigações para com a sociedade se limitavam ao âmbito de duas copeiras, tivesse sido tão persistente em relação aos seus direitos de receber Osric Dane em sua casa.

A questão sobre a acolhida àquela senhora tinha remexido profundamente os humores das associadas do Almoço Erudito ao longo do último mês. Não que se sentissem ineptas para a tarefa, mas a sua percepção da oportunidade as precipitara na suave indecisão de uma mulher que pondera as alternativas de um guarda-roupa bem abastecido. Se as associadas secundárias, como era o caso da sra. Leveret, estavam

alvoroadas com a ideia de discutir conceitos com a autora de *Asas da morte*, nem um pingo de apreensão perturbava o consciente senso de adequabilidade das senhoras Plinth, Ballinger e Van Vluyck. De fato, *Asas da morte* fora escolhido na última reunião do clube como tema de discussão por sugestão da srta. Van Vluyck e, dessa forma, cada membro deveria expressar a sua própria opinião ou se apropriar do que soasse bem nos comentários alheios.

A sra. Roby foi a única que se absteve de tirar proveito dessa ocasião. Mas agora ela era amplamente reconhecida como um fracasso na posição de membro do Almoço Erudito. “É nisso que dá”, como pontuou a srta. Van Vluyck, “aceitamos uma mulher com base na opinião de um homem.” A sra. Roby, voltando a Hillbridge após uma longa permanência em terras exóticas — as outras mulheres já não faziam nenhum esforço para se lembrar de onde —, fora apresentada pelo distinto biólogo, o professor Foreland, como a mulher mais agradável que ele já conhecera. E as associadas do Almoço Erudito, impressionadas por tal louvor que tinha o peso de um diploma, e assumindo de forma precipitada que as relações sociais do professor seguiriam a mesma linha de sua veia profissional, não deixaram passar a chance de admitir uma integrante bióloga. Foi uma total decepção. Na primeira menção casual que a srta. Van Vluyck fez sobre

pterodáctilos, a sra. Roby murmurou de forma confusa: “Conheço muito pouco sobre o sistema métrico!” E, após ter sido dolorosamente traída por sua própria incompetência, ela prudentemente se absteve de tomar parte nas futuras ginásticas mentais do clube.

— Suponho que ela o bajulava — sintetizou a srta. Van Vluyck —, ou então é por causa do jeito que ela arruma o cabelo.

As dimensões da sala de jantar da srta. Van Vluyck restringiam os membros do clube a seis, a falta de interconexão de uma associada era um sério obstáculo à troca de ideias, e já havia sido expressada alguma dúvida a respeito de se a sra. Roby deveria se alimentar, como fazia, da fartura intelectual das outras. Esse sentimento cresceu após a descoberta de que ela ainda não tinha lido *Asas da morte*. Ela admitia ter ouvido falar de Osric Dane, mas isso, por mais incrível que fosse, era tudo o que sabia sobre a afamada romancista. As mulheres não puderam dissimular a surpresa. Mas a sra. Ballinger, cujo orgulho pelo clube a deixava desejosa de fazer com que até a sra. Roby se inserisse da melhor maneira possível, insinuou delicadamente que, embora não tivesse tido tempo para se inteirar sobre *Asas da morte*, ela, pelo menos, deveria estar a par do livro precedente, o igualmente notável *O supremo instante*.

A sra. Roby franziu sua testa bronzeada, fazendo o máximo de esforço para se lembrar e, como resultado, recordou que “oh, sim!”, ela vira o livro na casa do seu irmão quando estava com ele no Brasil e o tinha até levado consigo para ler em uma festa no barco um dia, mas eles começaram a atirar coisas uns nos outros e o livro acabou voando pela amurada e, por isso, ela nunca teve a chance...

A imagem evocada por esse episódio não melhorou o crédito da sra. Roby com o clube. Houve uma pausa pungente, logo interrompida pelo comentário da sra. Plinth:

— Posso compreender que, com todas as suas outras ocupações, não deve ter muito tempo para ler. Porém, imagino que pelo menos deveria ter arranjado tempo para *Asas da morte* antes da chegada de Osric Dane.

A sra. Roby levou essa bronca com bom humor. Ela explicou que o que tinha tentado dizer é que “teve a intenção de dar uma olhada no livro, mas que estava tão compenetrada em um romance de Trollope que...”

— Ninguém mais lê Trollope hoje em dia — interrompeu a sra. Ballinger.

A sra. Roby pareceu aflita:

— Eu acabei de começar — confessou.

— E você o considera interessante? — indagou a sra. Plinth.

— É divertido.

— Entretenimento — alfinetou a sra. Plinth — não é exatamente o que eu procuro quando escolho um livro para ler.

— Ah, claro, *Asas da morte* não é nada divertido — a sra. Leveret se aventurou a dizer. Sua maneira de emitir uma opinião era como a de um vendedor prestativo que tem um sortimento de outros estilos para mostrar, caso a sua primeira sugestão não seja a mais adequada.

— E ele foi concebido para ser? — interrogou a sra. Plinth, que gostava de fazer perguntas que só ela própria pudesse responder, e mais ninguém. — Certamente não!

— Certamente não, é isso o que eu ia dizer — concordou a sra. Leveret, apressadamente, voltando atrás em sua opinião e recorrendo a uma nova. — Foi concebido para “edificar”.

A srta. Van Vluyck ajeitou os óculos como se fosse proferir uma sentença de morte.

— Mal consigo ver — interveio ela—como se pode dizer que um livro embebido no mais amargo pessimismo possa ser considerado edificante, por mais que seja instrutivo.

—Eu quis dizer “instrutivo”, é claro—disse a sra. Leveret, toda atrapalhada com a inesperada distinção entre dois termos que supunha serem sinônimos.

O prazer que a sra. Leveret tinha no Almoço Erudito era frequentemente arruinado por esse tipo de surpresa.

E, sem compreender qual valor poderia ter para as outras mulheres, ao refletir a complacência intelectual delas, ela às vezes ficava na dúvida se valia a pena participar dos debates. Fora somente o fato de ter uma irmã burra que a considerava inteligente que a salvou de um irremediável sentimento de inferioridade.

— Eles se casam no final? — a sra. Roby questionou.

— “Eles” quem? — o Almoço Erudito exclamou em unísono.

— Ora, a moça e o homem. É um romance, não é? Acho que é essa a única coisa que importa. Se eles terminam separados, estraga o meu jantar.

A sra. Plinth e a sra. Ballinger trocaram olhares escandalizados, e a última disse:

— Eu não a aconselharia a ler *Asas da morte* com isso em mente. De minha parte, quando há tantos livros que temos de ler, eu me pergunto como alguém pode achar tempo para aqueles que são meramente de entretenimento.

— O lado bom dele — Laura Glyde murmurou — é justamente isso, ninguém consegue dizer como *Asas da morte* termina. Osric Dane, tomada pela terrível relevância de seu significado, felizmente o velou, talvez até para si mesma, do mesmo modo como Apeles escondeu a face de Agamenon ao representar o sacrifício de Ifigênia.

— O que é isso? É poesia? — sussurrou a sra. Leveret à sra. Plinth que, esquivando-se de uma resposta categórica, disse friamente:

— Você deve procurar se inteirar. Eu sempre faço questão de pesquisar as coisas — o seu tom subiu de nível —, mesmo que o laçao possa tranquilamente fazê-lo por mim.

— Estava prestes a dizer — a srta. Van Vluyck retomou — que devemos sempre questionar se um livro é instrutivo, exceto quando for edificante.

— Ah — murmurou a sra. Leveret, sentindo-se agora irremediavelmente perdida.

— Não sei — disse a sra. Ballinger, farejando no tom da srta. Van Vluyck uma tendência a fazer pouco caso da tão cobiçada honraria que era receber Osric Dane. — Não sei se tal questão pode ser seriamente colocada sobre o livro que atraiu mais a atenção das pessoas criteriosas entre todos os outros romances desde *Robert Elsmere*.¹

— Ah, mas vocês não enxergam — exclamou Laura Glyde — que é justamente a obscura desesperança de tudo, o maravilhoso esquema de gradações de tons de cinza, o que faz dele esse feito artístico? Isso me fez lembrar de quando vi as

1 Novela de Mary Augusta Humphry Ward publicada em 1888, de grande sucesso imediato.

maneiras-negras² retratando o Príncipe Rupert...³ O livro é com gravuras em metal, e não com imagens de pinturas, mas ainda assim dá para sentir a intensidade dos tons de cores...

— Quem é ele? — a sra. Leveret sussurrou para a sua vizinha. — Alguém que ela conheceu no estrangeiro?

— A parte maravilhosa do livro — admitiu a sra. Bellinger — é que pode ser examinado sob vários pontos de vista. Ouvi dizer que, como estudo do determinismo, o professor Lupton o coloca ao nível de *Princípios da ética*.⁴

— Disseram que Osric Dane levou dez anos em estudos preparatórios antes de começar a escrevê-lo — disse a sra. Plinth. — Ela consulta tudo, verifica tudo. Como sabem, esse sempre foi o meu princípio. Hoje em dia, nada me faz deixar de lado um livro antes de que eu o termine só porque posso comprar quantos livros eu quiser.

— E o que achou de *Asas da morte*? — a sra. Roby perguntou abruptamente.

Era o tipo de pergunta que poderia ser chamada de fora da ordem preestabelecida, as mulheres se entreolharam como

2 Maneira-negra ou meia-tinta, técnica de gravura em metal que parte do enegrecimento da matriz, à qual paulatinamente se acrescentam tons mais claros.

3 Comandante inglês da Guerra Civil Inglesa.

4 Tratado de 1879 escrito por Herbert Spencer.

se se isentassem de tomar parte em tal quebra de conduta. Todas elas sabiam que não havia nada que sra. Plinth mais detestasse do que ser questionada a respeito da sua opinião sobre um livro. Livros foram escritos para serem lidos. Se alguém o lê, o que mais se poderia esperar? Ser questionada em detalhes a respeito do conteúdo de um volume parecia-lhe um ultraje tão grande como ser acusada de suspeita de contrabando na Alfândega. O clube sempre respeitou essa idiossincrasia da sra. Plinth. Opiniões como as dela eram impositivas e substanciais. Sua mente, tal como sua casa, era provida de “peças” monumentais que não deviam ser desarranjadas. Esta era uma das regras não escritas do Almoço Erudito no qual, dentro de sua própria esfera, a maneira de pensar de cada associada devia ser respeitada. Por conseguinte, o encontro terminou com uma sensação ainda maior, por parte das outras mulheres, da óbvia inaptidão da sra. Roby em se tornar uma delas.

Naquele dia memorável, a sra. Leveret chegou cedo na casa da sra. Ballinger, carregando o seu volume de *Aforismos adequados* na bolsa como de costume.

A sra. Leveret sempre ficava aflita para não chegar atrasada no Almoço Erudito. Gostava de organizar as ideias e de pescar no ar alguma dica, na medida em que as outras chegavam, do rumo que a conversação provavelmente iria tomar. Nesse dia, no entanto, sentiu-se completamente perdida. Até mesmo o contato tão íntimo com *Aforismos adequados*, o qual agarrou junto ao colo ao se sentar, não lhe deu um pingão de tranquilidade. Tratava-se de um livrinho admirável, compilado para atender a todas as emergências sociais, fossem por ocasião de alegres datas comemorativas ou melancólicas (como sua classificação bem demonstrava), de banquetes sociais ou municipais, ou ainda de batismos da Igreja da Inglaterra ou de outras seitas. Quem o consultava nunca ficava na mão, sempre tinha alguma referência

pertinente. A sra. Leveret, embora tivesse, por anos a fio, estudado minuciosamente suas páginas com devoção, valorizava-o, entretanto, mais pelo apoio moral do que por sua utilidade prática. Pois, embora na privacidade de seu próprio lar, ela comandasse um exército de máximas, estas invariavelmente a deixavam desamparada nos momentos críticos. A única citação que memorizara, “Poderíeis sacar o Leviatã com um anzol?”,⁵ era justamente aquela que ainda não tinha encontrado uma boa ocasião para aplicar.

Nesse dia, ela sentiu que mesmo o domínio completo sobre a compilação dificilmente teria assegurado seu autocontrole, porque ela achava que seria provável que, mesmo se ela, de alguma forma milagrosa, se lembrasse de alguma máxima, serviria apenas para descobrir que Osric Dane consultava uma compilação diferente — a sra. Leveret estava convencida de que os literatos sempre levavam uma consigo — e, conseqüentemente, não reconheceriam as suas citações.

A sensação da sra. Leveret de estar à deriva foi intensificada pela aparência da sala de visitas da sra. Ballinger. Sob um olhar desatento, o seu aspecto estava inalterado.

5 Citação bíblica do Antigo Testamento, Jó, versão do Rei James, Job 41:1-41:34.

Mas quem conhecia bem a forma como a sra. Ballinger organizava os livros teria detectado imediatamente sinais de rearranjos recentes. Como afiliada do Almoço Erudito, o foco de interesse da sra. Ballinger era o “Livro do Dia”. A respeito dele, fosse o que fosse, desde um romance até um tratado sobre psicologia experimental, ela deitava e rolava, confiante, como uma autoridade na matéria. O que acontecia com os livros do ano passado, ou até mesmo com os da semana passada, o que ela fazia dos “temas” que tinha professado anteriormente com tanta autoridade, ninguém ainda tinha descoberto. Sua mente era como um hotel no qual os fatos chegavam e iam embora como hóspedes transitórios, sem que deixassem o endereço e, muitas das vezes, sem pagar a conta. A sra. Ballinger se gabava de estar “na corrente da Reflexão do Dia”, e o orgulho de estar na linha de frente devia ser exteriorizado pelos livros que estavam sobre a mesa. Tais volumes, frequentemente substituídos e quase sempre recém-lançados, portavam nomes geralmente desconhecidos para a sra. Leveret, o que lhe trazia, ao dar uma olhada furtiva, um vislumbre desanimador dos novos campos de conhecimento a serem percorridos em seguida, sem alento, pela sra. Ballinger. Mas, neste dia, vários volumes de aspecto técnico estavam intercalados com os lançamentos editoriais: Karl Marx se acotovelava com o professor Bergson,

*Confissões de Santo Agostinho*⁶ estava ao lado do último trabalho sobre mendelismo.⁷ Assim, até mesmo a partir da percepção frenética da sra. Leveret, ficou claro que a sra. Ballinger não tinha a mínima ideia sobre o que Osric Dane estava propensa a falar, então tomara providências para estar preparada para tudo. A sra. Leveret se sentiu como uma passageira em um barco a vapor no oceano sendo informada de que não havia nenhum perigo iminente, mas que era melhor colocar o colete salva-vidas.

Foi um alívio ser despertada desses maus presságios pela chegada da srta. Van Vluyck.

— Bem, minha querida — a recém-chegada perguntou bruscamente à sua anfitriã —, que assuntos vamos discutir hoje?

A sra. Ballinger substituía furtivamente um volume de Wordsworth por um de Verlaine.

— Não sei bem — respondeu ela, com nervosismo. — Talvez devêssemos deixar ao acaso.

— Ao acaso?! — rebateu secamente a srta. Van Vluyck. — Presumo que isso signifique que Laura Glyde tomará a

6 Obra autobiográfica de Santo Agostinho, consistindo em 13 volumes escritos entre 397 e 400 d.C. É considerado uma obra-prima da Cristandade.

7 Termo que descreve as leis da herança genética formuladas por Gregor Johann Mendel, em 1865-66.

palavra como de costume e que nós ficaremos afogadas em literatura.

Filantropia e Estatística eram as áreas da srta. Van Vluyck, e ela se ressentiria com qualquer tendência de desviar a atenção da convidada destes tópicos.

Neste momento, a sra. Plinth apareceu.

— Literatura?! — manifestou com tom de objeção. — Mas isso é totalmente inesperado. Entendi que falaríamos sobre o romance de Osric Dane.

A sra. Ballinger se contraiu diante de tal discriminação, mas deixou passar.

— Dificilmente poderemos fazer desse o nosso tema principal, pelo menos não de maneira tão acintosa — recomendou. — Claro que podemos deixar que a nossa conversa derive nessa direção. Contudo, deveríamos ter outro tema como introdução, e é sobre isso que eu queria consultar vocês. O fato é, sabemos tão pouco sobre os gostos e interesses de Osric Dane, que é difícil fazer qualquer preparação específica.

— Pode ser difícil — retrucou a sra. Plinth com decisão —, mas é necessário. Eu sei em que parte acaba essa premissa cuca-fresca. Como eu disse a uma das minhas sobrinhas outro dia, existem certas emergências para as quais uma mulher deve estar sempre preparada. É de mau gosto se vestir com roupas coloridas para uma visita de condolências ou com

um vestido do ano passado quando há boatos de que seu marido caiu em ruína financeira, e é assim também em um debate. Tudo o que peço é saber antecipadamente o que vai ser falado, aí então eu me sentirei segura para poder dizer o que é adequado.

— Concordo — comentou a sra. Ballinger —, mas...

Naquele instante, anunciada por uma criada alvoroçada, Osric Dane apareceu na porta.

A sra. Leveret contou depois à irmã que ela soube, logo de cara, o que estava por vir. Ela viu que Osric Dane não iria fazer concessões. Aquela distinta personagem tinha entrado com um ar não intencional de efetiva obrigatoriedade da promoção do simples exercício da hospitalidade. Parecia estar prestes a ser fotografada para uma nova edição de seus livros.

Em geral, o desejo de aplacar uma divindade é proporcionalmente inverso à sua capacidade de resposta. A sensação de desânimo produzida pela entrada de Osric Dane aumentou visivelmente a ânsia do Almoço Erudito em agradá-la. Qualquer ligeira ideia de que ela poderia se considerar em obrigação para com suas anfitriãs foi de repente dissipada pela sua atitude. Como a sra. Leveret contou mais tarde à irmã, ela tinha uma maneira de olhar que fazia com que você achasse que havia algo de errado com seu chapéu. A

evidência desse seu ar de grandeza produziu uma impressão tão imediata sobre as mulheres que, enquanto a anfitriã levava a célebre personagem para a sala de jantar, uma tremedeira de estorrecimento percorreu suas veias quando a sra. Roby se virou para sussurrar às demais:

— Que rude que ela é!

A hora durante a qual ficaram à mesa não tendeu a reverter esse veredito. Foi passada com Osric Dane deglutindo silenciosamente o menu da sra. Ballinger e com as associadas do clube emitindo trivialidades hesitantes que a convidada parecia engolir de maneira tão apressada quanto os pratos sucessivos do almoço.

A relutância da sra. Ballinger em determinar um tópico arremessou o clube em um desarranjo mental que só aumentou ao retornarem à sala de visitas, onde o real propósito, o debate, estava prestes a se iniciar. Uma ficou esperando pela outra para começar a falar. Afinal, acabou sendo um choque, uma frustração geral quando a anfitriã abriu a conversação com a trivial e tediosa pergunta:

— É a primeira vez que vem a Hillbridge?

Até mesmo a sra. Leveret tinha consciência de que este era um mau começo. Um vago impulso de menosprezo fez com que a sra. Glyde intervisse:

— É uma cidade pequena, de fato.

A sra. Plinth se indignou:

— Temos um grande número de pessoas representativas — disse ela, com o tom de quem defende sua própria condição.

Osric Dane virou-se para ela:

— O que elas representam? — perguntou.

A incontestável aversão da sra. Plinth em ser questionada foi intensificada pelo seu sentimento de despreparo, e o seu olhar reprovador repassou a questão para a sra. Ballinger.

— Ora — disse esta, olhando por sua vez para as outras associadas —, enquanto comunidade, espero que não seja demais dizer que promovemos a cultura.

— A arte — interrompeu a sra. Glyde.

— A arte e a literatura — corrigiu a sra. Ballinger.

— E a sociologia, acredito — propeliu a srta. Van Vluyck.

— Temos um alto nível — complementou a sra. Plinth, sentindo-se subitamente segura com a vasta expansão daquela generalização.

A sra. Leveret, achando que ainda devia haver espaço para mais uma coisinha em uma declaração tão ampla, teve coragem para murmurar:

— Ah, certamente, nós temos um nível.

— O objetivo do nosso pequeno clube — prosseguiu a sra. Ballinger — é o de concentrar as tendências que estão em alta em Hillbridge, de centralizar e focar o esforço intelectual.

Esse comentário foi considerado tão afortunado que as mulheres exprimiram um suspiro de alívio quase audível.

— Aspiramos — afirmou a presidente — estar em contato com o que há de mais elevado na arte, na literatura e na ética.

Osric Dane se virou para ela novamente.

—Que ética? — inquiriu.

Um tremor de apreensão tomou conta da sala. Nenhuma das mulheres apresentava qualquer intenção de se pronunciar sobre uma questão moral, mas, quando era chamada de ética, a coisa mudava de figura. O clube, quando tinha acabado de consultar a *Enciclopédia britânica*, o *Manual de leitura*⁸ ou o *Dicionário clássico de Smith*,⁹ podia lidar com qualquer assunto com toda confiança. Mas, quando pego desprevenido, era conhecido por definir o agnosticismo como uma heresia da Igreja Primitiva e o professor Froude¹⁰ como um histologista distinto. Assim, membros secundários como a sra. Leveret, em segredo, ainda consideravam a ética como sendo algo vagamente pagão.

O questionamento de Osric Dane era inquietante até mesmo para a sra. Ballinger, e houve um sentimento geral

8 Guia de estudos e leitura para estudantes.

9 Compêndio sobre a Grécia Clássica.

10 William Froude (1810–1879), engenheiro naval britânico.

de gratidão quando Laura Glyde se inclinou para a frente para dizer, com o tom o mais simpático possível:

— Tem de nos desculpar, sra. Dane, por não podermos falar, neste momento, de outra coisa que não seja de *Asas da Morte*.

— Isso mesmo — confirmou a srta. Vluyck, com uma súbita resolução de levar a guerra ao campo inimigo. — Estamos muito ansiosas por conhecer o propósito exato que teve em mente ao escrever o seu maravilhoso livro.

— Verá que não somos leitoras superficiais — interveio a sra. Plinth.

— Estamos ávidas por ouvir da senhora — continuou a srta. Van Vluyck — se a tendência pessimista do livro é uma expressão de suas próprias convicções ou...

— Ou simplesmente — a sra. Glyde pegou no ar — um pano de fundo sombrio pincelado para projetar suas figuras em um relevo mais intenso. A senhora não é fundamentalmente plástica?

— Sempre afirmei — interpôs a sra. Ballinger — que a senhora representa o método puramente objetivo...

Osric Dane, grave, serviu-se de café:

— Como define “objetivo”? — indagou, então.

Decorreu uma pausa nervosa antes que Laura Glyde murmurasse, vibrante:

— Ao lê-lo, não definimos, nós sentimos.

Osrice Dane sorriu.

— O cerebelo — observou — não é raramente a sede das emoções literárias. — E pegou um segundo torrão de açúcar.

A irritação que esse comentário conseguiu vagamente dissimular foi quase neutralizada pela satisfação de ser proferido em uma linguagem tão técnica.

— Ah, o cerebelo — repetiu a srta. Van Vluyck, de forma complacente. — O clube fez um curso de psicologia no inverno passado.

— Qual psicologia? — perguntou Osrice Dane.

Sobreveio uma pausa agonizante, durante a qual cada componente do clube secretamente lamentou a ineficiência angustiante das demais. Apenas a sra. Roby continuou a bebericar placidamente o seu Chartreuse. Por fim, a sra. Ballinger disse, em uma tentativa de elevar o tom:

— Bem, na verdade, sabe, foi no ano passado que estudamos psicologia e, neste inverno, ficamos muito absorvidas com...

Ela estancou, tentando, com nervosismo, lembrar-se de algum dos debates do clube, mas suas faculdades mentais pareciam paralisadas diante do olhar petrificante de Osrice Dane. Com o que o clube ficara absorvido? A sra. Ballinger, com o propósito vago de ganhar tempo, repetiu lentamente:

— Temos estado tão intensamente absorvidas com...

A sra. Roby apoiou o cálice de licor e se aproximou do grupo com um sorriso.

— Com Xingu? — ela gentilmente deu a dica.

Uma empolgação tomou conta das associadas. Elas trocaram olhares confusos e, em seguida e ao mesmo tempo, voltaram olhares mistos de alívio e interrogação à sua salvadora. A expressão de cada uma denotava uma fase diferente da mesma emoção. A sra. Plinth foi a primeira a recompor suas feições com um ar de calma. Após um átimo para se acomodar, sua atitude quase sugeria que havia sido ela a dar a dica à sra. Ballinger.

— Xingu, é claro! — exclamou esta última com a presteza de costume enquanto a srta. Van Vluyck e Laura Glyde pareciam sondar as profundezas da memória e, por sua vez, a sra. Leveret, apalpando, apreensiva, seus *Aforismos apropriados*, foi de alguma forma tranquilizada pela pressão incômoda do seu livro sobre o colo.

A mudança da expressão de Osric Dane não foi menos surpreendente do que a de suas anfitriãs. Ela também apoiou a sua xícara de café, mas com um ar de nítida irritação. Ela também tinha, por um breve instante, o que a sra. Roby descreveria posteriormente como “estar com a pulga atrás da orelha”. E, antes de ela poder dissimular esses sinais

momentâneos de fraqueza, a sra. Roby, voltando-se para ela com um sorriso deferente, completou:

— E estávamos esperando ansiosamente que hoje nos dissesse o que acha sobre esse tema.

Osric Dane recebeu o sorriso decoroso como algo natural. Mas a questão que o acompanhava obviamente a constrangeu, ficando claro para quem a observava que ela não era tão rápida em mudar as expressões faciais. Era como se seu semblante tivesse sido ajustado há muito tempo para uma expressão de incontestável superioridade, de tal sorte que os músculos tinham enrijecido, recusando-se a obedecer às suas ordens.

— Xingu — disse ela, como se, por sua vez, estivesse procurando ganhar tempo.

A sra. Roby continuou a pressioná-la.

—Sabendo como o assunto é cativante, compreenderá como aconteceu de o clube deixar todo o resto de lado para se dedicar completamente a isso por um tempo. Desde quando nos ocupamos de Xingu, posso dizer que, a não ser pelos seus livros, nada mais nos parece valer a pena recapitular.

As feições austeras de Osric Dane, em vez de se iluminarem com o sorriso sem jeito, ficaram ainda mais sombrias.

— Fico feliz por saber que fizeram uma exceção — emitiu entre os lábios semicerrados.

— Ah, claro — confirmou a sra. Roby, graciosa. — Mas como nos mostrou, com tanta naturalidade, que a senhora não tem vontade de falar sobre as suas próprias coisas, nós realmente não podemos deixar passar a oportunidade para que nos conte, em especial, exatamente o que pensa sobre Xingu — acrescentou, com um sorriso ainda mais persuasivo. — Afinal, algumas pessoas sabem que um dos seus últimos livros se encharcou nele.

Então foi desse jeito que a confiança se alastrou como fogo nas mentes áridas das outras associadas. Na ânsia de conseguirem o menor indício do que fosse Xingu, elas quase se esqueceram do contentamento de terem contribuído para a derrota da sra. Dane.

Esta última enrubesceu nervosamente com o desafio da sua antagonista.

— Posso perguntar — titubeou — a qual dos meus livros se refere?

A sra. Roby não titubeava.

— É exatamente isso o que quero que nos conte, porque embora eu estivesse presente, não participei.

— Presente onde? — a sra. Dane demandou.

Por um instante, as trêmulas associadas do Almoço Erudito acharam que a defesa da Providência¹¹ que se erguera por elas tinha perdido sua força. Mas a sra. Roby explicou-se alegremente:

— No debate, naturalmente. Logo, estamos extremamente ansiosas para saber como foi que entrou nessa de Xingu.

Houve uma pausa portentosa, um silêncio tão grande, com tantos perigos incalculáveis, que as associadas, em ação conjunta, ficaram de boca fechada, como soldados que baixam as armas para assistir a um único combate entre seus líderes. Então a sra. Dane deu expressão ao seu mais profundo temor dizendo, cortante:

— Ah, você quer dizer o Xingu, não é?

A sra. Roby sorria sem se segurar:

— É um tanto pedante, não é? Pessoalmente, eu sempre deixo o tema para lá, mas não sei o que as outras associadas acham disso.

As outras associadas pareciam dispensar voluntariamente aquele apelo à sua opinião. Logo, a sra. Roby, após um olhar animado sobre o grupo, prosseguiu:

11 Referência bíblica e ao nome do volume de João Calvino (1509–1564) *Uma deferência da Providência secreta de Deus*.

— Elas provavelmente pensam, como eu, que nada realmente importa, exceto a coisa em si: exceto Xingu.

Nenhuma resposta imediata pareceu ocorrer à sra. Dane, então a sra. Ballinger reuniu coragem para dizer:

— Certamente, todas devem sentir o mesmo em relação a Xingu.

A sra. Plinth veio em seu apoio com um murmúrio grave de concordância, e Laura Glyde suspirou com emoção:

— Conheço casos em que mudou toda uma vida.

— Fez maravilhas por mim — interveio a sra. Leveret, parecendo se recordar de que tinha feito um curso ou lido sobre isso no inverno anterior.

— É claro — admitiu a sra. Roby — que a dificuldade é que se deve investir tanto tempo nisso. É de uma extensão absurda.

— Não consigo imaginar — disse a srta. Van Vluyck — quem relute em conceder tempo a esse assunto.

— É profundo, em certos trechos — a sra. Roby prosseguiu. (“Então era um livro!?”) — E não é possível pular algumas partes.

— Eu nunca pulo — afirmou a sra. Plinth, dogmática.

— Ah, em se tratando de Xingu é perigoso pular. Mesmo no começo, há trechos em que isso é impossível. Só se consegue deslizar.

— Eu não chamaria isso de deslizar — comentou a sra. Ballinger, sarcástica.

A sra. Roby olhou-a com interesse.

— Ah, você acha que sempre flui bem?

A sra. Ballinger hesitou.

— É óbvio que há passagens difíceis — admitiu.

— Sim. De fato, algumas não são de todo transparentes — acrescentou a sra. Roby —, mesmo que estejamos familiarizadas com o curso principal.

— Como eu suponho que a senhora está? — interrompeu Osric Dane, fixando nela um olhar de desafio repentino.

A sra. Roby a enfrentou com um gesto depreciativo.

— Ah, embora algumas de suas ramificações sejam muito pouco conhecidas, não é realmente difícil ascender até certo ponto. Mas é quase impossível chegar à fonte.

— Alguma vez você tentou? — a sra. Plinth inquiriu, ainda desconfiada da meticulosidade da sra. Roby.

A sra. Roby ficou quieta por um momento, então, respondeu com as pálpebras abaixadas:

— Não, mas um amigo meu tentou, um homem muito brilhante, e ele me contou que seria melhor que mulheres... nem tentassem...

Um calafrio percorreu a sala. A sra. Leveret tossiu para que a camareira, que estava entregando os cigarros,

não ouvisse. A cara da srta. Van Vluyck foi tomada por uma expressão de repugnância e a sra. Plinth parecia como se estivesse cruzando com alguém que ela não se dignava a saudar. Mas o resultado mais notável da fala da sra. Roby foi o efeito que produziu na distinta convidada do Almoço Erudito. A figura impávida característica de Osric Dane se suavizou subitamente com uma expressão da mais calorosa simpatia humana e, aproximando a sua cadeira à da sra. Roby, questionou:

— Ele realmente disse isso? E... e a senhora acha que ele está certo?

Aborrecida com a indesejável proeminência da sra. Roby, a sra. Ballinger, começando a minimizar a gratidão pela ajuda que ela havia prestado, não podia consentir que ela se permitisse, por meios tão duvidosos, monopolizar a atenção da convidada. Se Osric Dane não tinha respeito próprio suficiente para se ressentir com a irreverência da sra. Roby, pelo menos o Almoço Erudito o faria na pessoa de sua presidente.

A sra. Ballinger colocou a mão sobre o braço da sra. Roby.

— Não devemos nos esquecer — disse ela com fria amabilidade — de que, por mais absorvente que Xingu seja para nós, pode ser menos interessante para...

— Ah, não, pelo contrário, eu lhe asseguro — Ostric Dane interveio.

— ...para os outros. — A sra. Ballinger concluiu, com firmeza. — E não devemos permitir que a nossa pequena reunião termine sem persuadir a sra. Dane a nos dizer algumas palavras sobre um assunto que, hoje, está muito mais presente nas nossas mentes. Refiro-me, naturalmente, a *Asas da Morte*.

As outras afiliadas, animadas em graus variáveis com o mesmo sentimento e todas elas encorajadas pela aparência agora humanizada de sua formidável convidada, repetiram o que a sra. Ballinger dissera:

— Ah, sim, a senhora realmente deve conversar um pouco conosco sobre seu livro.

A expressão de Ostric Dane tornou-se tão entediada, embora não tão arrogante, como quando seu trabalho fora anteriormente mencionado. Mas, antes de poder atender ao pedido da sra. Ballinger, a sra. Roby se levantou e se pôs a arrumar o xale diante do nariz frívolo dela.

— Sinto muitíssimo — pronunciou enquanto avançava em direção à sua anfitriã com a mão estendida —, mas antes da sra. Dane começar, acho que seria melhor eu ir embora. Infelizmente, como sabem, não li os seus livros, motivo pelo qual devo estar em terrível desvantagem em relação a todas vocês. Além disso, estão me esperando para jogar bridge.

Se a sra. Roby tivesse simplesmente pleiteado sua ignorância sobre as obras de Osric Dane como motivo de sua retirada, o Almoço Erudito, em vista de sua proeza recente, poderia ter aprovado tal reserva. Mas associar sua desculpa com o anúncio descarado de que estava se privando desse privilégio para se juntar a uma partida de bridge era só mais um exemplo da sua deplorável falta de discernimento.

No entanto, as mulheres estavam predispostas a sentir que sua partida — agora que executara o único serviço que ela, na certa, jamais poderia voltar a lhes prestar — provavelmente produziria uma maior ordem e decoro na discussão iminente, além de aliviá-las da sensação de falta de autoconfiança que a sua presença misteriosamente sempre produzia. Portanto, a sra. Ballinger se restringiu a um protesto formal de dissabor. As outras associadas estavam acabando de se reagrupar confortavelmente ao redor de Osric Dane quando esta, para o desalento geral, começou a se levantar do sofá em que estava acomodada.

— Ei, espere. Espere, eu vou com a senhora! — sinalizou para a sra. Roby. E, dando a mão às demais desconcertadas senhoras, distribuiu uma série de saudações de despedida com o ímpeto mecânico de um condutor ferroviário ao perfurar os bilhetes.

— Lamento muito, já ia me esquecendo... — berrou para elas da porta. E, ao se juntar à sra. Roby, que tinha se voltado ao seu apelo com surpresa, as outras mulheres ficaram mortificadas ao ouvi-la dizer, com um volume de voz que ela não teve o cuidado de baixar: — Se me permite caminhar um pouco consigo, gostaria de lhe fazer mais algumas perguntas sobre o Xingu...

O incidente aconteceu tão rápido que a porta se fechou atrás das duas que partiam antes que as outras tivessem tempo para entender o que estava acontecendo. Em seguida, o sentimento de afronta que recaiu sobre elas em razão da deserção sem a mínima cerimônia de Osric Dane começou a competir com uma sensação confusa de que tinham sido enganadas, sem saberem exatamente como ou por quê.

Reinou um silêncio durante o qual a sra. Ballinger, com mãos ágeis, reorganizou os livros esmeradamente agrupados nos quais a ilustre convidada mal tinha batido os olhos. Então a srta. Van Vluyck anunciou, de maneira mordaz:

— Bem, não posso dizer que considero a partida de Osric Dane uma grande perda.

Essa confissão cristalizou o ressentimento das outras sócias, logo a sra. Leveret exclamou:

— Acho mesmo que ela tenha vindo com o propósito de ser desagradável!

Era a opinião particular da sra. Plinth que a atitude de Osric Dane em relação ao Almoço Erudito poderia ter sido muito diferente se ela tivesse sido recebida no cenário majestoso dos salões da família Plinth. Mas, evitando pensar sobre a inadequação das dependências da sra. Ballinger, buscou uma forma de desforra indireta para depreciar a falta de visão dela:

— Eu disse, desde o começo, que devíamos ter um tema preparado anteriormente. Isto é o que sempre acontece quando não estamos preparadas. Agora, se pelo menos tivéssemos despertado o tema Xingu...

A lentidão dos processos mentais da sra. Plinth sempre fora admitida pelo clube. Mas, na circunstância atual, isso foi demais para a paciência da sra. Ballinger.

— Xingu! — zombou. — Ora, embora não estivéssemos preparadas, foi o fato de sabermos muito mais sobre o assunto do que ela o que fez com que Osric Dane ficasse tão furiosa. Eu achava que fosse óbvio para todas!

Essa réplica impressionou até mesmo a sra. Plinth. Laura Glyde, movida por um impulso de generosidade, arriscou:

— Sim, nós realmente devemos ser gratas à sra. Roby por introduzir o tópico. Pode ter deixado Osric Dane furiosa, mas pelo menos a tornou cortês.

— Fiquei satisfeita com a oportunidade de mostrar a ela — acrescentou a srta. Van Vluyck — que uma cultura ampla e atualizada não fica restrita aos grandes centros intelectuais.

Aquilo aumentou a satisfação das outras associadas e elas começaram a esquecer a ira contra Osric Dane pelo prazer de ter contribuído para a sua derrota.

A srta. Van Vluyck cuidadosamente limpou os óculos.

— O que mais me surpreendeu — continuou — foi que Fanny Roby estivesse tão a par de Xingu.

Essa observação provocou um ligeiro calafrio no grupo, mas a sra. Ballinger atestou com um ar de indulgente ironia:

— A sra. Roby sempre dá um jeito de fazer com que só um pouco seja o suficiente para obter resultados. Ainda assim, certamente temos uma dívida para com ela, por ter tido a iluminação de trazer o que tinha ouvido falar de Xingu.

E assim ficou implicitamente decidido pelas outras sócias que aquela seria uma forma elegante de cancelar, de uma vez por todas, a dívida do clube para com a sra. Roby.

Até a sra. Leveret tomou coragem para lançar uma tímida flechada de ironia:

— O que mais gostei foi que Osric Dane não esperava, por nada nesse mundo, tomar uma lição de Xingu em Hillbridge!

A sra. Ballinger sorriu.

— Quando ela me perguntou o que nós representamos... vocês se lembram? Eu queria simplesmente ter dito que representávamos Xingu!

Todas as mulheres riram com prazer da piada, exceto a sra. Plinth, que disse, após um momento, deliberando:

— Não tenho certeza de que teria sido sensato fazer isso.

A sra. Ballinger, que já estava começando a sentir como se tivesse realmente lançado em Osric Dane a réplica que tinha acabado de lhe ocorrer, virou-se de maneira irônica à sra. Plinth.

— Posso perguntar por que não?

A sra. Plinth estava séria.

— Certamente — respondeu. — Entendi, pela própria sra. Roby, que o assunto era um daqueles que era conveniente não se aprofundar demais.

A srta. Van Vluyck completou com precisão:

— Acho que isso se aplicava apenas a uma investigação sobre a origem do... do... — E, de repente, ela descobriu que sua memória, geralmente precisa, tinha falhado. — É um tópico da matéria que eu mesma nunca estudei — concluiu.

— Nem eu — admitiu a sra. Ballinger.

Laura Glyde se curvou na direção delas com olhos arregalados.

— E, no entanto, parece... (Não parece?) que seja a parte do mais pleno de fascínio esotérico?

— Eu não sei no que você se baseia — argumentou a srta. Van Vluyck.

— Bem, não repararam em que medida Osric Dane se interessou, de maneira tão intensa, assim que o ouviu o que o brilhante estrangeiro (ele era estrangeiro, não era?) disse à sra. Roby sobre a origem... a origem do rito, ou como quer que se chame?

A sra. Plinth fitou-a com desaprovação, e a sra. Ballinger visivelmente hesitou. Então respondeu:

— Talvez não seja desejável abordar a questão... esse tópico em uma conversa casual. Mas, pela importância que evidentemente ele tem para uma mulher da distinção de Osric Dane, acho que não devemos ter medo de discuti-lo entre nós com toda franqueza e até a portas fechadas, se necessário.

— Compartilho da sua opinião — interveio a srta. Van Vluyck com vivacidade ao dar o seu apoio —, isto é, com a condição de que qualquer linguajar grosseiro seja evitado.

— Ah, tenho a certeza de que compreenderemos, sem ter necessidade disso — a sra. Leveret disse, dando uma risadinha.

Laura Glyde adicionou, de forma significativa, enquanto a sra. Ballinger se levantava para garantir que as portas estavam realmente fechadas:

— Tenho prazer no que podemos ler nas entrelinhas.
A sra. Plinth ainda não tinha aderido.

— Mal consigo ver — começou — qual benefício pode haver em uma pesquisa sobre tradições tão peculiares.

A paciência da sra. Ballinger tinha atingido o limite.

— Pelo menos — respondeu — não voltaremos a ser colocadas na situação humilhante de nos encontrarmos menos inteiradas sobre os nossos próprios assuntos do que Fanny Roby!

Aquele argumento foi conclusivo até mesmo para a sra. Plinth. Ela deu uma olhada furtiva ao redor da sala e baixou o tom autoritário para perguntar:

— Tem uma cópia?

— Uma... uma cópia? — gaguejou a sra. Ballinger. Ela estava ciente de que as outras associadas estavam olhando para ela com expectativa, e de que essa resposta era inadequada. Então ela a respaldou com outra pergunta: — Uma cópia de quê?

Suas companheiras lançaram um olhar de esperançoso para a sra. Plinth que, por sua vez, parecia menos segura de si mesma do que o habitual.

— Ora, do livro — explicou.

— Que livro? — lançou a srta. Van Vluyck, quase tão afiada quanto Osric Dane.

A sra. Ballinger olhou para Laura Glyde, cujos olhos interrogativos estavam fixos na sra. Leveret. O fato de ser

alvo de qualquer deferência era tão novo que a inundou de uma temeridade insana.

— Ora, Xingu, é claro! — exclamou.

Um profundo silêncio se seguiu a tal desafio aos recursos da biblioteca da sra. Ballinger, e esta última, depois de olhar nervosamente para os “Livros do Dia”, respondeu com dignidade:

— Não é o tipo de coisa com que nos preocupamos em deixar à mão.

— Diria mesmo que não! — exclamou a sra. Plinth.

— Então se trata de um livro? — indagou a srta. Van Vluyck.

Isso provocou o caos no grupo outra vez. A sra. Ballinger, com um suspiro de impaciência, retomou:

— Ora, existe um livro, naturalmente...

— Então porque é que a sra. Glyde chamou de religião? Laura Glyde começou:

— Uma religião? Eu nunca...

— Sim, você chamou — insistiu a srta. Van Vluyck. — Falou de ritos. E a sra. Plinth disse que era uma tradição.

Visivelmente, a sra. Glyde estava fazendo um esforço desesperado para recordar sua assertiva, mas a exatidão nos detalhes não era seu ponto mais forte. Por fim, começou, com um murmúrio profundo:

— Com certeza costumavam fazer algo do gênero nos mistérios eleusinos...

— Rá! — retrucou a srta. Van Vluyck, à beira do desdém.

A sra. Plinth protestou:

— Entendi que não haveria indelicadezas!

A sra. Ballinger não conseguiu controlar sua irritação.

— Realmente, é ruim demais que não possamos discutir o assunto entre nós com toda calma. Pessoalmente, acho que se alguém entra de cabeça em Xingu com profundidade...

— Ah, eu também! — exclamou a sra. Glyde.

— E não vejo como alguém pode evitar fazê-lo se quiser acompanhar a “Reflexão do Dia”.

A sra. Leveret proferiu uma exclamação de alívio.

— Isso. É isso mesmo! — interrompeu.

— O quê? — a presidente altercou.

— Ora, é... é uma reflexão. Digo, uma filosofia.

Isso pareceu ter trazido certo alívio para a sra. Ballinger e Laura Glyde, mas a srta. Van Vluyck retrucou:

— Desculpem se eu digo que estão todas enganadas. Acontece que Xingu é uma língua.

— Uma língua! — o Almoço Erudito gritou.

— Com certeza. Não se lembram de quando Fanny Roby disse que havia várias ramificações e que algumas eram difíceis de precisar? A que isso poderia se referir, senão a dialetos?

A sra. Ballinger não conseguia mais conter uma risada de desdém.

— Vamos lá! Se o Almoço Erudito chegou a esse ponto de ter de consultar a Fanny Roby para se informar sobre um assunto como Xingu, é melhor fechar as portas!

— É culpa dela por não ter sido mais clara — criticou Laura Glyde.

— Até parece. Clareza e Fanny Roby de mãos dadas!
— A sra. Ballinger deu de ombros. — Eu me atrevo a dizer que podemos concluir que ela estava enganada em quase todos os pontos.

— Por que não pesquisamos? — sugeriu a sra. Plinth.

Via de regra, essa sugestão recorrente da sra. Plinth, no calor da discussão, era sempre ignorada, e só levada em conta mais tarde por cada uma delas, na privacidade de seus lares. Porém, na presente ocasião, o desejo de imputar sua própria confusão mental à natureza vaga e contraditória do depoimento da sra. Roby levou as afiliadas do Almoço Erudito a emitirem uma demanda coletiva por um livro de referência.

A essa altura, a apresentação de seu precioso volume proporcionou à sra. Leveret, por um instante, a experiência rara de se posicionar na linha de frente. Contudo, não foi capaz de mantê-la por muito tempo, pois os *Aforismos apropriados* não faziam nenhuma menção a Xingu.

— Mas isso não é o tipo de coisa de que precisamos!
— exclamou a srta. Van Vluyck. Ela lançou um olhar depreciativo sobre a miscelânea literária da sra. Ballinger e acrescentou, impaciente: — Você não tem nenhum livro útil?

— Claro que tenho — respondeu a sra. Ballinger, indignada. — Guardo no closet do meu marido.

Daquele lugar, após alguma dificuldade e demora, a criada trouxe o volume W-Z de uma enciclopédia e, em deferência ao fato de que a solicitação havia partido da srta. Van Vluyck, colocou o pesado tomo diante dela.

Houve um momento doloroso de suspense enquanto a srta. Van Vluyck limpava e ajustava seus óculos, folheando as páginas até o Z.¹² Finalmente, com um resmungo de surpresa, constatou:

— Aqui não tem nada.

— Suponho — intrometeu-se a sra. Plinth — que este assunto não se enquadre em uma obra de referência.

— Ah, que bobagem! — exclamou sra. Ballinger. — Tente o X.

12 Em inglês, a pronúncia da letra X é geralmente similar à da letra Z. Como até o momento as senhoras do Almoço Erudito não tinham visto a palavra Xingu por escrito, acreditavam que sua grafia fosse "Zingu".

A srta. Van Vluyck retrocedeu no livro, esquadrinhando fixamente as páginas para cima e para baixo, até que parou, permanecendo em posição congelada de ataque.

— Bom, e aí? Achou? — perguntou a sra. Ballinger, após um tempo considerável.

— Sim, achei. Eu encontrei — atestou a srta. Van Vluyck com uma voz fininha.

A sra. Plinth interrompeu, ligeira:

— Peço que não o leia em voz alta, caso houver algo impróprio.

A srta. Van Vluyck, sem responder, continuou o seu escrutínio silencioso.

— Bem, do que se trata? — questionou Laura Glyde, agitada.

— Diga logo! — incitou a sra. Leveret, já achando que teria algo terrível para contar à irmã.

A srta. Vluyck empurrou o volume de lado e encarou lentamente o ansioso grupo.

— É um rio.

— Um rio?

— É, fica no Brasil. Não foi lá que ela morou?

— Quem? Fanny Roby? Ah não, você deve estar enganada. Você deve ter lido errado — afirmou a sra. Ballinger, inclinando-se sobre ela para checar o livro.

— É o único Xingu na enciclopédia, e ela morou no Brasil — a srta. Van Vluyck persistiu.

— Seu irmão tem um cargo lá, de fato — a sra. Leveret interpôs.

— Mas isso é ridículo demais! Eu... nós... Ora, todas nós nos recordamos de haver estudado Xingu no ano passado ou no ano retrasado — a sra. Ballinger balbuciou.

— Achei que tivesse, quando você disse isso — Laura Glyde confessou.

— Eu disse isso? — gritou a sra. Ballinger.

— Sim, disse. Você disse que todo o resto tinha ficado fora da sua mente.

— Bem, você disse que tinha mudado toda a sua vida!

— Por falar nisso, a srta. Van Vluyck disse que nunca tinha se arrependido do tempo que lhe tinha dedicado.

A sra. Plinth interveio:

— Deixei claro que eu não sabia nadinha do curso original.

A sra. Ballinger freou aquela desavença com um grunhido:

— Ai, de que importa tudo isso, se ela está rindo às nossas custas? Acho que a srta. Van Vluyck tem razão: no final das contas, ela estava falando do rio o tempo todo!

— Como pôde? É um disparate! — exclamou a sra. Glyde.

— Ouçam — a srta. Van Vluyck havia se reapossado da enciclopédia e repostos os óculos sobre o nariz vermelho de emoção. — *O Xingu, um dos principais rios do Brasil, nasce no planalto de Mato Grosso e corre em direção norte por uma extensão de nada menos que mil e oitocentos quilômetros, desaguardando perto da foz do rio Amazonas. O alto curso do Xingu é aurífero e alimentado por numerosos afluentes. A sua nascente foi descoberta em 1884 pelo explorador alemão von den Steinen¹³ após uma expedição difícil e perigosa através de uma região habitada por tribos de cultura ainda na Idade da Pedra.*

As mulheres receberam esse comunicado em um estado de silêncio embasbacado, do qual a sra. Leveret foi a primeira a se recuperar:

—Ela realmente falou sobre ele ter ramificações.

Essa palavra parecia acabar até com a última pontinha de dúvida.

— E sobre sua grande extensão — a sra. Ballinger arfou.

— Ela disse que era muito profundo, que não se podia saltar, e que devíamos deslizar nele — acrescentou a sra. Glyde.

A ideia abriu caminho através da compacta resistência da sra. Plinth mais lentamente.

13 Karl von den Steinen (1855–1929) foi um psiquiatra, antropólogo, etnólogo e explorador alemão. Entre seus importantes trabalhos destaca-se o estudo das culturas indígenas do Brasil Central.

— Como pode haver algo de impróprio sobre um rio?
— inquiriu.

— Impróprio?

— Ora, o que ela disse sobre a fonte? Que estava deturpada?

— Não deturpada, mas difícil de conseguir chegar até ela — corrigiu Laura Glyde. — Alguém que tinha estado lá contou a ela. Suponho que tenha sido o explorador em pessoa. Aí não diz que a expedição foi perigosa?

— *Difícil e perigosa* — leu a srta. Van Vluyck.

A sra. Ballinger comprimiu as palmas das mãos contra as faces latejantes.

— Não há nada que ela tenha dito que não se aplique a um rio. A *este* rio! — E se voltou com entusiasmo para as outras afiliadas. — Ora, lembram-se dela nos dizer que não tinha lido *O supremo instante* porque o tinha levado a uma festa no barco quando estava com o irmão e que alguém tinha impelido o livro pela amurada. — “Impelido”, naturalmente, foi um termo dela.

As mulheres, esbaforidas, deram a entender que o termo não tinha passado despercebido.

— Bem, e ela então não disse a Osric Dane que um de seus livros estava simplesmente encharcado de Xingu? Claro que estava, se um dos amigos arruaceiros da sra. Roby o tinha atirado no rio!

Essa surpreendente reconstrução da cena da qual elas tinham acabado de participar deixou as participantes do Almoço Erudito atônitas. Durante um bom tempo, a sra. Plinth, depois de visivelmente remoer o problema, arrematou com um tom pesado:

— Osric Dane também caiu nessa.

Com isso, a sra. Leveret tomou coragem.

— Talvez tenha sido por isso mesmo que a sra. Roby fez uma coisa dessas. Ela disse que Osric Dane era rude e que gostaria de lhe dar uma lição.

A srta. Van Vluyck franziu a testa.

— Não justifica fazer isso às nossas custas.

— Pelo menos — disse a sra. Glyde, com um toque de amargura —, ela conseguiu provocar algum interesse nela, muito mais do que nós.

— Que oportunidade nós tivemos? — contestou novamente a sra. Ballinger. — A sra. Roby a monopolizou desde o início. E isso, sem sombra de dúvida, era o seu propósito: dar a Osric Dane uma falsa impressão de seu próprio status no clube. Ela usaria tudo ao seu alcance para atrair a atenção. Todos sabem como ela enganou o coitado do professor Foreland.

— Ela de fato faz com que ele ofereça chás com bridge todas as quintas-feiras — comentou a sra. Leveret, levantando a voz.

Laura Glyde juntou suas mãos.

— Ora, e hoje é quinta-feira, então é para lá que ela foi, é claro, e levou Osric junto!

— E, neste exato momento, eles devem estar gargalhando às nossas custas — disse a sra. Ballinger, rangendo os dentes.

Essa possibilidade parecia demasiado absurda para ser admitida.

— Ela dificilmente ousaria confessar essa farsa a Osric Dane — relutou a srta. Van Vluyck.

— Não tenho tanta certeza. Achei ter visto ela fazer um sinal ao sair. Se ela não tivesse feito um sinal, por que razão Osric Dane correria atrás dela?

— Bom, sabem, todas nós ficamos dizendo como Xingu era maravilhoso, e ela afirmou que queria saber mais sobre isso — comentou a sra. Leveret, com um impulso de justiça tardio pela ausente.

Esse alerta, longe de mitigar a ira das outras associadas, deu-lhes um alento mais forte.

— Sim, e é exatamente disso que ambas estão rindo nesse momento — opinou Laura Glyde, com ironia.

A sra. Plinth se levantou e amontoou suas peles caríssimas sobre sua forma monumental.

— Não tenho intenção de criticar — comunicou —, mas a menos que o Almoço Erudito possa proteger seus membros contra a recorrência de tais... de tais cenas inapropriadas, por mim...

— Ah, eu também! — concordou a sra. Glyde, também se levantando.

A srta. Van Vluyck fechou a enciclopédia e, em seguida, vestiu e começou a abotoar o seu casaco.

— Meu tempo é muito valioso — começou.

— Acho que estamos todas de acordo — concordou a sra. Ballinger, com um olhar penetrante fixo na sra. Leveret, que olhava para os outras.

— Sempre desaprovei escândalos — retomou a sra. Plinth.

— E hoje ela foi a causa de um! — exclamou a sra. Glyde.

A sra. Leveret resmungou:

— Não sei como ela pôde!

E a srta. Van Vluyck decretou enquanto apanhava seu livro de notas:

— Algumas mulheres fazem de tudo mesmo.

— Mas — a sra. Plinth retomou o seu argumento de forma impressionante — se uma coisa do gênero viesse a

acontecer na minha casa (dando a entender, com seu tom, que isso jamais ocorreria), acho que teria o dever para comigo mesma de solicitar a renúncia da sra. Roby. Ou de oferecer a minha.

— Ah, sra. Plinth — suspirou o Almoço Erudito.

— Felizmente para mim — prosseguiu a Sra. Plinth com uma terrível magnanimidade —, a questão foi tirada das minhas mãos quando a nossa presidente decidiu que o direito de receber convidadas tão distintas era um privilégio adquirido por seu trabalho. E penso que os outros membros concordarão que, como ela estava sozinha nesse parecer, ela deverá estar sozinha na decisão sobre a melhor forma de enfrentar as suas... as suas consequências realmente deploráveis.

Um silêncio profundo se seguiu a esse surto de ressentimento de longa data da sra. Plinth.

— Não vejo por que esperar que eu peça para que ela renuncie — começou, por fim, a sra. Ballinger.

Mas Laura Glyde se voltou a ela para lembrá-la:

— Você sabe que ela fez com que você dissesse que teria continuado a fluir no Xingu.

Uma risadinha atrevida escapou da sra. Leveret, mas a sra. Ballinger continuou, energicamente:

— Vocês não devem pensar, nem por um instante, que eu tenho medo!

A porta da sala de visitas se fechou após a passagem dos membros do Almoço Erudito em retirada, a presidente daquela distinta associação se sentou na sua escrivaninha e empurrou uma cópia de *Asas da morte* para o lado com o intuito de dar espaço para o seu cotovelo. Ela destacou uma folha do papel timbrado do clube, no qual começou a escrever: “Prezada sra. Roby...”

Traduzido por Adriana Zoudine

Formada em engenharia e em educação artística, viveu em São Francisco (EUA) e Buenos Aires (Argentina), fazendo viagens periódicas a países europeus. Em 2016 iniciou estudos específicos na área de tradução, tendo cursado o Programa Formativo para Tradutores Literários e, em seguida, o Programa de aprimoramento em tradução literária, ambos da Casa Guilherme de Almeida. Atualmente dedica-se exclusivamente à tradução literária do inglês, espanhol e italiano, com foco principal neste último, passando a residir na Itália



Leslie & Co. 4-86

Xingu

Edith Wharton

Mrs. Ballinger is one of the ladies who pursue Culture in bands, as though it were dangerous to meet alone. To this end she had founded the Lunch Club, an association composed of herself and several other indomitable huntresses of erudition. The Lunch Club, after three or four winters of lunching and debate, had acquired such local distinction that the entertainment of distinguished strangers became one of its accepted functions; in recognition of which it duly extended to the celebrated "Osric Dane," on the day of her arrival in Hillbridge, an invitation to be present at the next meeting.

The club was to meet at Mrs. Bellinger's. The other members, behind her back, were of one voice in deploring her unwillingness to cede her rights in favor of Mrs. Plinth, whose house made a more impressive setting for the entertainment of celebrities; while, as Mrs. Leveret observed, there was always the picture-gallery to fall back on.

Mrs. Plinth made no secret of sharing this view. She had always regarded it as one of her obligations to entertain the Lunch Club's distinguished guests. Mrs. Plinth was almost as proud of her obligations as she was of her picture-gallery; she was in fact fond of implying that the one possession implied the other, and that only a woman of her wealth could afford to live up to a standard as high as that which she had set herself. An all-round sense of duty, roughly adaptable to various ends, was, in her opinion, all that Providence exacted of the more humbly stationed; but the power which had predestined Mrs. Plinth to keep a footman clearly intended her to maintain an equally specialized staff of responsibilities. It was the more to be regretted that Mrs. Ballinger, whose obligations to society were bounded by the narrow scope of two parlour-maids, should have been so tenacious of the right to entertain Osric Dane.

The question of that lady's reception had for a month past profoundly moved the members of the Lunch Club. It was not that they felt themselves unequal to the task, but that their sense of the opportunity plunged them into the agreeable uncertainty of the lady who weighs the alternatives of a well-stocked wardrobe. If such subsidiary members as Mrs. Leveret were fluttered by the thought of exchanging ideas with the author of "The Wings of Death,"

no forebodings disturbed the conscious adequacy of Mrs. Plinth, Mrs. Ballinger and Miss Van Vluyck. "The Wings of Death" had, in fact, at Miss Van Vluyck's suggestion, been chosen as the subject of discussion at the last club meeting, and each member had thus been enabled to express her own opinion or to appropriate whatever sounded well in the comments of the others.

Mrs. Roby alone had abstained from profiting by the opportunity; but it was now openly recognised that, as a member of the Lunch Club, Mrs. Roby was a failure. "It all comes," as Miss Van Vluyck put it, "of accepting a woman on a man's estimation." Mrs. Roby, returning to Hillbridge from a prolonged sojourn in exotic lands—the other ladies no longer took the trouble to remember where—had been heralded by the distinguished biologist, Professor Foreland, as the most agreeable woman he had ever met; and the members of the Lunch Club, impressed by an encomium that carried the weight of a diploma, and rashly assuming that the Professor's social sympathies would follow the line of his professional bent, had seized the chance of annexing a biological member. Their disillusionment was complete. At Miss Van Vluyck's first off-hand mention of the pterodactyl Mrs. Roby had confusedly murmured: "I know so little about metres—" and after that painful betrayal of incompetence

she had prudently withdrawn from farther participation in the mental gymnastics of the club.

"I suppose she flattered him," Miss Van Vluyck summed up—"or else it's the way she does her hair."

The dimensions of Miss Van Vluyck's dining-room having restricted the membership of the club to six, the nonconductiveness of one member was a serious obstacle to the exchange of ideas, and some wonder had already been expressed that Mrs. Roby should care to live, as it were, on the intellectual bounty of the others. This feeling was increased by the discovery that she had not yet read "The Wings of Death." She owned to having heard the name of Osric Dane; but that—incredible as it appeared—was the extent of her acquaintance with the celebrated novelist. The ladies could not conceal their surprise; but Mrs. Ballinger, whose pride in the club made her wish to put even Mrs. Roby in the best possible light, gently insinuated that, though she had not had time to acquaint herself with "The Wings of Death," she must at least be familiar with its equally remarkable predecessor, "The Supreme Instant."

Mrs. Roby wrinkled her sunny brows in a conscientious effort of memory, as a result of which she recalled that, oh, yes, she had seen the book at her brother's, when she was staying with him in Brazil, and had even carried it

off to read one day on a boating party; but they had all got to shying things at each other in the boat, and the book had gone overboard, so she had never had the chance—

The picture evoked by this anecdote did not increase Mrs. Roby's credit with the club, and there was a painful pause, which was broken by Mrs. Plinth's remarking:

"I can understand that, with all your other pursuits, you should not find much time for reading; but I should have thought you might at least have got up 'The Wings of Death' before Osric Dane's arrival."

Mrs. Roby took this rebuke good-humouredly. She had meant, she owned, to glance through the book; but she had been so absorbed in a novel of Trollope's that—

+

Mrs. Roby looked pained. "I'm only just beginning," she confessed.

"And does he interest you?" Mrs. Plinth enquired.

"He amuses me."

"Amusement," said Mrs. Plinth, "is hardly what I look for in my choice of books."

"Oh, certainly, 'The Wings of Death' is not amusing," ventured Mrs. Leveret, whose manner of putting forth an opinion was like that of an obliging salesman with a variety of other styles to submit if his first selection does not suit.

“Was it meant to be?” enquired Mrs. Plinth, who was fond of asking questions that she permitted no one but herself to answer. “Assuredly not.”

“Assuredly not—that is what I was going to say,” assented Mrs. Leveret, hastily rolling up her opinion and reaching for another. “It was meant to—to elevate.”

Miss Van Vluyck adjusted her spectacles as though they were the black cap of condemnation. “I hardly see,” she interposed, “how a book steeped in the bitterest pessimism can be said to elevate however much it may instruct.”

“I meant, of course, to instruct,” said Mrs. Leveret, flurried by the unexpected distinction between two terms which she had supposed to be synonymous. Mrs. Leveret’s enjoyment of the Lunch Club was frequently marred by such surprises; and not knowing her own value to the other ladies as a mirror for their mental complacency she was sometimes troubled by a doubt of her worthiness to join in their debates. It was only the fact of having a dull sister who thought her clever that saved her, from a sense of hopeless inferiority.

“Do they get married in the end?” Mrs. Roby interposed.

“They—who?” the Lunch Club collectively exclaimed.

“Why, the girl and man. It’s a novel, isn’t it? I always think that’s the one thing that matters. If they’re parted it spoils my dinner.”

Mrs. Plinth and Mrs. Ballinger exchanged scandalised glances, and the latter said: "I should hardly advise you to read 'The Wings of Death' in that spirit. For my part, when there are so many books one has to read; I wonder how any one can find time for those that are merely amusing."

"The beautiful part of it," Laura Glyde murmured, "is surely just this—that no one can tell how 'The Wings of Death' ends. Osric Dane, overcome by the awful significance of her own meaning, has mercifully veiled it—perhaps even from herself—as Apelles, in representing the sacrifice of Iphigenia, veiled the face of Agamemnon."

"What's that? Is it poetry?" whispered Mrs. Leveret to Mrs. Plinth, who, disdainful of a definite reply, said coldly: "You should look it up. I always make it a point to look things up." Her tone added—"though I might easily have it done for me by the footman."

"I was about to say," Miss Van Vluyck resumed, "that it must always be a question whether a book can instruct unless it elevates."

"Oh—" murmured Mrs. Leveret, now feeling herself hopelessly astray.

"I don't know," said Mrs. Ballinger, scenting in Miss Van Vluyck's tone a tendency to depreciate the coveted

distinction of entertaining Osric Dane; "I don't know that such a question can seriously be raised as to a book which has attracted more attention among thoughtful people than any novel since 'Robert Elsmere.'"

"Oh, but don't you see," exclaimed Laura Glyde, "that it's just the dark hopelessness of it all—the wonderful tone-scheme of black on black—that makes it such an artistic achievement? It reminded me when I read it of Prince Rupert's *manière noire*...the book is etched, not painted, yet one feels the colour-values so intensely..."

"Who is he?" Mrs. Leveret whispered to her neighbour. "Some one she's met abroad?"

"The wonderful part of the book," Mrs. Bellinger conceded, "is that it may be looked at from so many points of view. I hear that as a study of determinism Professor Lupton ranks it with 'The Data of Ethics.'"

"I'm told that Osric Dane spent ten years in preparatory studies before beginning to write it," said Mrs. Plinth. "She looks up everything—verifies everything. It has always been my principle, as you know. Nothing would induce me, now, to put aside a book before I'd finished it, just because I can buy as many more as I want."

"And what do you think of 'The Wings of Death'?" Mrs. Roby abruptly asked her.

It was the kind of question that might be termed out of order, and the ladies glanced at each other as though disclaiming any share in such a breach of discipline. They all knew there was nothing Mrs. Plinth so much disliked as being asked her opinion of a book. Books were written to read; if one read them what more could be expected? To be questioned in detail regarding the contents of a volume seemed to her as great an outrage as being searched for smuggled laces at the Custom House. The club had always respected this idiosyncrasy of Mrs. Plinth's. Such opinions as she had were imposing and substantial: her mind, like her house, was furnished with monumental "pieces" that were not meant to be disarranged; and it was one of the unwritten rules of the Lunch Club that, within her own province, each member's habits of thought should be respected. The meeting therefore closed with an increased sense, on the part of the other ladies, of Mrs. Roby's hopeless unfitness to be one of them.

Mrs. Leveret, on the eventful day, arrived early at Mrs. Ballinger's, her volume of *Appropriate Allusions* in her pocket.

It always flustered Mrs. Leveret to be late at the Lunch Club: she liked to collect her thoughts and gather a hint, as the others assembled, of the turn the conversation was likely to take. To-day, however, she felt herself completely at a loss; and even the familiar contact of *Appropriate Allusions*, which stuck into her as she sat down, failed to give her any reassurance. It was an admirable little volume, compiled to meet all the social emergencies; so that, whether on the occasion of Anniversaries, joyful or melancholy (as the classification ran), of Banquets, social or municipal, or of Baptisms, Church of England or sectarian, its student need never be at a loss for a pertinent reference. Mrs. Leveret, though she had for years devoutly conned its pages, valued it, however, rather for its moral support than for its practical services; for though in the privacy of her own room she commanded

an army of quotations, these invariably deserted her at the critical moment, and the only phrase she retained—Canst thou draw out leviathan with a hook?—was one she had never yet found occasion to apply.

To-day she felt that even the complete mastery of the volume would hardly have insured her self-possession; for she thought it probable that, even if she did, in some miraculous way, remember an Allusion, it would be only to find that Osric Dane used a different volume (Mrs. Leveret was convinced that literary people always carried them), and would consequently not recognise her quotations.

Mrs. Leveret's sense of being adrift was intensified by the appearance of Mrs. Ballinger's drawing-room. To a careless eye its aspect was unchanged; but those acquainted with Mrs. Ballinger's way of arranging her books would instantly have detected the marks of recent perturbation. Mrs. Ballinger's province, as a member of the Lunch Club, was the Book of the Day. On that, whatever it was, from a novel to a treatise on experimental psychology, she was confidently, authoritatively "up." What became of last year's books, or last week's even; what she did with the "subjects" she had previously professed with equal authority; no one had ever yet discovered. 'Her mind was an hotel where facts came and went like transient lodgers, without leaving their address behind, and frequently

without paying for their board. It was Mrs. Ballinger's boast that she was "abreast with the Thought of the Day," and her pride that this advanced position should be expressed by the books on her table. These volumes, frequently renewed, and almost always damp from the press, bore names generally unfamiliar to Mrs. Leveret, and giving her, as she furtively scanned them, a disheartening glimpse of new fields of knowledge to be breathlessly traversed in Mrs. Ballinger's wake. But to-day a number of maturer-looking volumes were adroitly mingled with the primeurs of the press—Karl Marx jostled Professor Bergson, and the "Confessions of St. Augustine" lay beside the last work on "Mendelism"; so that even to Mrs. Leveret's fluttered perceptions it was clear that Mrs. Ballinger didn't in the least know what Osric Dane was likely to talk about, and had taken measures to be prepared for anything. Mrs. Leveret felt like a passenger on an ocean steamer who is told that there is no immediate danger, but that she had better put on her life-belt.

It was a relief to be roused from these forebodings by Miss Van Vluyck's arrival.

"Well, my dear," the new-comer briskly asked her hostess, "what subjects are we to discuss to-day?"

Mrs. Ballinger was furtively replacing a volume of Wordsworth by a copy of Verlaine. "I hardly know," she

said, somewhat nervously. "Perhaps we had better leave that to circumstances."

"Circumstances?" said Miss Van Vluyck drily. "That means, I suppose, that Laura Glyde will take the floor as usual, and we shall be deluged with literature."

Philanthropy and statistics were Miss Van Vluyck's province, and she resented any tendency to divert their guest's attention from these topics.

Mrs. Plinth at this moment appeared.

"Literature?" she protested in a tone of remonstrance. "But this is perfectly unexpected. I understood we were to talk of Osric Dane's novel."

Mrs. Ballinger winced at the discrimination, but let it pass. "We can hardly make that our chief subject—at least not too intentionally," she suggested. "Of course we can let our talk drift in that direction; but we ought to have some other topic as an introduction, and that is what I wanted to consult you about. The fact is, we know so little of Osric Dane's tastes and interests that it is difficult to make any special preparation."

"It may be difficult," said Mrs. Plinth with decision, "but it is necessary. I know what that happy-go-lucky principle leads to. As I told one of my nieces the other day, there are certain emergencies for which a lady should always be

prepared. It's in shocking taste to wear colours when one pays a visit of condolence, or a last year's dress when there are reports that one's husband is on the wrong side of the market; and so it is with conversation. All I ask is that I should know beforehand what is to be talked about; then I feel sure of being able to say the proper thing."

"I quite agree with you," Mrs. Ballinger assented; "but—"

And at that instant, heralded by the fluttered parlour-maid, Osric Dane appeared upon the threshold.

Mrs. Leveret told her sister afterward that she had known at a glance what was coming. She saw that Osric Dane was not going to meet them half way. That distinguished personage had indeed entered with an air of compulsion not calculated to promote the easy exercise of hospitality. She looked as though she were about to be photographed for a new edition of her books.

The desire to propitiate a divinity is generally in inverse ratio to its responsiveness, and the sense of discouragement produced by Osric Dane's entrance visibly increased the Lunch Club's eagerness to please her. Any lingering idea that she might consider herself under an obligation to her entertainers was at once dispelled by her manner: as Mrs. Leveret said afterward to her sister, she had a way of looking at you that made you feel as if there was something wrong

with your hat. This evidence of greatness produced such an immediate impression on the ladies that a shudder of awe ran through them when Mrs. Roby, as their hostess led the great personage into the dining-room, turned back to whisper to the others: "What a brute she is!"

The hour about the table did not tend to revise this verdict. It was passed by Osric Dane in the silent deglutition of Mrs. Bollinger's menu, and by the members of the club in the emission of tentative platitudes which their guest seemed to swallow as perfunctorily as the successive courses of the luncheon.

Mrs. Ballinger's reluctance to fix a topic had thrown the club into a mental disarray which increased with the return to the drawing-room, where the actual business of discussion was to open. Each lady waited for the other to speak; and there was a general shock of disappointment when their hostess opened the conversation by the painfully commonplace enquiry. "Is this your first visit to Hillbridge?"

Even Mrs. Leveret was conscious that this was a bad beginning; and a vague impulse of deprecation made Miss Glyde interject: "It is a very small place indeed."

Mrs. Plinth bristled. "We have a great many representative people," she said, in the tone of one who speaks for her order.

Osric Dane turned to her. "What do they represent?" she asked.

Mrs. Plinth's constitutional dislike to being questioned was intensified by her sense of unpreparedness; and her reproachful glance passed the question on to Mrs. Ballinger.

"Why," said that lady, glancing in turn at the other members, "as a community I hope it is not too much to say that we stand for culture."

"For art—" Miss Glyde interjected.

"For art and literature," Mrs. Ballinger emended.

"And for sociology, I trust," snapped Miss Van Vluyck.

"We have a standard," said Mrs. Plinth, feeling herself suddenly secure on the vast expanse of a generalisation; and Mrs. Leveret, thinking there must be room for more than one on so broad a statement, took courage to murmur: "Oh, certainly; we have a standard."

"The object of our little club," Mrs. Ballinger continued, "is to concentrate the highest tendencies of Hillbridge—to centralise and focus its intellectual effort."

This was felt to be so happy that the ladies drew an almost audible breath of relief.

"We aspire," the President went on, "to be in touch with whatever is highest in art, literature and ethics."

Osric Dane again turned to her. "What ethics?" she asked.

A tremor of apprehension encircled the room. None of the ladies required any preparation to pronounce on a question of morals; but when they were called ethics it was different. The club, when fresh from the "Encyclopaedia Britannica," the "Reader's Handbook" or Smith's "Classical Dictionary," could deal confidently with any subject; but when taken unawares it had been known to define agnosticism as a heresy of the Early Church and Professor Froude as a distinguished histologist; and such minor members as Mrs. Leveret still secretly regarded ethics as something vaguely pagan.

Even to Mrs. Ballinger, Osric Dane's question was unsettling, and there was a general sense of gratitude when Laura Glyde leaned forward to say, with her most sympathetic accent: "You must excuse us, Mrs. Dane, for not being able, just at present, to talk of anything but 'The Wings of Death.'"

"Yes," said Miss Van Vluyck, with a sudden resolve to carry the war into the enemy's camp. "We are so anxious to know the exact purpose you had in mind in writing your wonderful book."

"You will find," Mrs. Plinth interposed, "that we are not superficial readers."

“We are eager to hear from you,” Miss Van Vluyck continued, “if the pessimistic tendency of the book is an expression of your own convictions or—”

“Or merely,” Miss Glyde thrust in, “a sombre background brushed in to throw your figures into more vivid relief. Are you not primarily plastic?”

“I have always maintained,” Mrs. Ballinger interposed, “that you represent the purely objective method—”

Osrice Dane helped herself critically to coffee. “How do you define objective?” she then enquired.

There was a flurried pause before Laura Glyde intensely murmured: “In reading you we don’t define, we feel.”

Osrice Dane smiled. “The cerebellum,” she remarked, “is not infrequently the seat of the literary emotions.” And she took a second lump of sugar.

The sting that this remark was vaguely felt to conceal was almost neutralised by the satisfaction of being addressed in such technical language.

“Ah, the cerebellum,” said Miss Van Vluyck complacently. “The club took a course in psychology last winter.”

“Which psychology?” asked Osrice Dane.

There was an agonising pause, during which each member of the club secretly deplored the distressing inefficiency of the others. Only Mrs. Roby went on placidly

sipping her chartreuse. At last Mrs. Ballinger said, with an attempt at a high tone: "Well, really, you know, it was last year that we took psychology, and this winter we have been so absorbed in—"

She broke off, nervously trying to recall some of the club's discussions; but her faculties seemed to be paralysed by the petrifying stare of Osric Dane. What had the club been absorbed in? Mrs. Ballinger, with a vague purpose of gaining time, repeated slowly: "We've been so intensely absorbed in—"

Mrs. Roby put down her liqueur glass and drew near the group with a smile.

"In Xingu?" she gently prompted.

A thrill ran through the other members. They exchanged confused glances, and then, with one accord, turned a gaze of mingled relief and interrogation on their rescuer. The expression of each denoted a different phase of the same emotion. Mrs. Plinth was the first to compose her features to an air of reassurance: after a moment's hasty adjustment her look almost implied that it was she who had given the word to Mrs. Ballinger.

"Xingu, of course!" exclaimed the latter with her accustomed promptness, while Miss Van Vluyck and Laura Glyde seemed to be plumbing the depths of memory, and Mrs.

Leveret, feeling apprehensively for Appropriate Allusions, was somehow reassured by the uncomfortable pressure of its bulk against her person.

Osric Dane's change of countenance was no less striking than that of her entertainers. She too put down her coffee-cup, but with a look of distinct annoyance; she too wore, for a brief moment, what Mrs. Roby afterward described as the look of feeling for something in the back of her head; and before she could dissemble these momentary signs of weakness, Mrs. Roby, turning to her with a deferential smile, had said: "And we've been so hoping that to-day you would tell us just what you think of it."

Osric Dane received the homage of the smile as a matter of course; but the accompanying question obviously embarrassed her, and it became clear to her observers that she was not quick at shifting her facial scenery. It was as though her countenance had so long been set in an expression of unchallenged superiority that the muscles had stiffened, and refused to obey her orders.

"Xingu—" she said, as if seeking in her turn to gain time.

Mrs. Roby continued to press her. "Knowing how engrossing the subject is, you will understand how it happens that the club has let everything else go to the wall for the moment. Since we took up Xingu I might almost say—were

it not for your books—that nothing else seems to us worth remembering.”

Osric Dane’s stern features were darkened rather than lit up by an uneasy smile. “I am glad to hear that you make one exception,” she gave out between narrowed lips.

“Oh, of course,” Mrs. Roby said prettily; “but as you have shown us that—so very naturally!—you don’t care to talk of your own things, we really can’t let you off from telling us exactly what you think about Xingu; especially,” she added, with a still more persuasive smile, “as some people say that one of your last books was saturated with it.”

It was an it, then—the assurance sped like fire through the parched minds of the other members. In their eagerness to gain the least little clue to Xingu they almost forgot the joy of assisting at the discomfiture of Mrs. Dane.

The latter reddened nervously under her antagonist’s challenge. “May I ask,” she faltered out, “to which of my books you refer?”

Mrs. Roby did not falter. “That’s just what I want you to tell us; because, though I was present, I didn’t actually take part.”

“Present at what?” Mrs. Dane took her up; and for an instant the trembling members of the Lunch Club thought

that the champion Providence had raised up for them had lost a point. But Mrs. Roby explained herself gaily: "At the discussion, of course. And so we're dreadfully anxious to know just how it was that you went into the Xingu."

There was a portentous pause, a silence so big with incalculable dangers that the members with one accord checked the words on their lips, like soldiers dropping their arms to watch a single combat between their leaders. Then Mrs. Dane gave expression to their inmost dread by saying sharply: "Ah—you say the Xingu, do you?"

Mrs. Roby smiled undauntedly. "It is a shade pedantic, isn't it? Personally, I always drop the article; but I don't know how the other members feel about it."

The other members looked as though they would willingly have dispensed with this appeal to their opinion, and Mrs. Roby, after a bright glance about the group, went on: "They probably think, as I do, that nothing really matters except the thing itself—except Xingu."

No immediate reply seemed to occur to Mrs. Dane, and Mrs. Ballinger gathered courage to say: "Surely every one must feel that about Xingu."

Mrs. Plinth came to her support with a heavy murmur of assent, and Laura Glyde sighed out emotionally: "I have known cases where it has changed a whole life."

“It has done me worlds of good,” Mrs. Leveret interjected, seeming to herself to remember that she had either taken it or read it the winter before.

“Of course,” Mrs. Roby admitted, “the difficulty is that one must give up so much time to it. It’s very long.”

“I can’t imagine,” said Miss Van Vluyck, “grudging the time given to such a subject.”

“And deep in places,” Mrs. Roby pursued; (so then it was a book!) “And it isn’t easy to skip.”

“I never skip,” said Mrs. Plinth dogmatically.

“Ah, it’s dangerous to, in Xingu. Even at the start there are places where one can’t. One must just wade through.”

“I should hardly call it wading,” said Mrs. Ballinger sarcastically.

Mrs. Roby sent her a look of interest. “Ah—you always found it went swimmingly?”

Mrs. Ballinger hesitated. “Of course there are difficult passages,” she conceded.

“Yes; some are not at all clear—even,” Mrs. Roby added, “if one is familiar with the original.”

“As I suppose you are?” Osric Dane interposed, suddenly fixing her with a look of challenge.

Mrs. Roby met it by a deprecating gesture. “Oh, it’s really not difficult up to a certain point; though some of the

branches are very little known, and it's almost impossible to get at the source."

"Have you ever tried?" Mrs. Plinth enquired, still distrustful of Mrs. Roby's thoroughness.

Mrs. Roby was silent for a moment; then she replied with lowered lids: "No—but a friend of mine did; a very brilliant man; and he told me it was best for women—not to..."

A shudder ran around the room. Mrs. Leveret coughed so that the parlour-maid, who was handing the cigarettes, should not hear; Miss Van Vluyck's face took on a nauseated expression, and Mrs. Plinth looked as if she were passing some one she did not care to bow to. But the most remarkable result of Mrs. Roby's words was the effect they produced on the Lunch Club's distinguished guest. Osric Dane's impassive features suddenly softened to an expression of the warmest human sympathy, and edging her chair toward Mrs. Roby's she asked: "Did he really? And—did you find he was right?"

Mrs. Ballinger, in whom annoyance at Mrs. Roby's unwonted assumption of prominence was beginning to displace gratitude for the aid she had rendered, could not consent to her being allowed, by such dubious means, to monopolise the attention of their guest. If Osric Dane had not enough self-respect to resent Mrs. Roby's flippancy, at least the Lunch Club would do so in the person of its President.

Mrs. Ballinger laid her hand on Mrs. Roby's arm. "We must not forget," she said with a frigid amiability, "that absorbing as Xingu is to us, it may be less interesting to—"

"Oh, no, on the contrary, I assure you," Osric Dane intervened.

"—to others," Mrs. Ballinger finished firmly; "and we must not allow our little meeting to end without persuading Mrs. Dane to say a few words to us on a subject which, to-day, is much more present in all our thoughts. I refer, of course, to 'The Wings of Death.'"

The other members, animated by various degrees of the same sentiment, and encouraged by the humanised mien of their redoubtable guest, repeated after Mrs. Ballinger: "Oh, yes, you really must talk to us a little about your book."

Osric Dane's expression became as bored, though not as haughty, as when her work had been previously mentioned. But before she could respond to Mrs. Ballinger's request, Mrs. Roby had risen from her seat, and was pulling down her veil over her frivolous nose.

"I'm so sorry," she said, advancing toward her hostess with outstretched hand, "but before Mrs. Dane begins I think I'd better run away. Unluckily, as you know, I haven't read her books, so I should be at a terrible disadvantage among you all, and besides, I've an engagement to play bridge."

If Mrs. Roby had simply pleaded her ignorance of Osric Dane's works as a reason for withdrawing, the Lunch Club, in view of her recent prowess, might have approved such evidence of discretion; but to couple this excuse with the brazen announcement that she was foregoing the privilege for the purpose of joining a bridge-party was only one more instance of her deplorable lack of discrimination.

The ladies were disposed, however, to feel that her departure—now that she had performed the sole service she was ever likely to render them—would probably make for greater order and dignity in the impending discussion, besides relieving them of the sense of self-distrust which her presence always mysteriously produced. Mrs. Ballinger therefore restricted herself to a formal murmur of regret, and the other members were just grouping themselves comfortably about Osric Dane when the latter, to their dismay, started up from the sofa on which she had been seated.

“Oh wait—do wait, and I'll go with you!” she called out to Mrs. Roby; and, seizing the hands of the disconcerted members, she administered a series of farewell pressures with the mechanical haste of a railway-conductor punching tickets.

“I'm so sorry—I'd quite forgotten—” she flung back at them from the threshold; and as she joined Mrs. Roby, who had turned in surprise at her appeal, the other ladies

had the mortification of hearing her say, in a voice which she did not take the pains to lower: "If you'll let me walk a little way with you, I should so like to ask you a few more questions about Xingu..."

III

The incident had been so rapid that the door closed on the departing pair before the other members had time to understand what was happening. Then a sense of the indignity put upon them by Osric Dane's unceremonious desertion began to contend with the confused feeling that they had been cheated out of their due without exactly knowing how or why.

There was a silence, during which Mrs. Ballinger, with a perfunctory hand, rearranged the skilfully grouped literature at which her distinguished guest had not so much as glanced; then Miss Van Vluyck tartly pronounced: "Well, I can't say that I consider Osric Dane's departure a great loss."

This confession crystallised the resentment of the other members, and Mrs. Leveret exclaimed: "I do believe she came on purpose to be nasty!"

It was Mrs. Plinth's private opinion that Osric Dane's attitude toward the Lunch Club might have been very

different had it welcomed her in the majestic setting of the Plinth drawing-rooms; but not liking to reflect on the inadequacy of Mrs. Ballinger's establishment she sought a roundabout satisfaction in depreciating her lack of foresight.

"I said from the first that we ought to have had a subject ready. It's what always happens when you're unprepared. Now if we'd only got up Xingu—"

The slowness of Mrs. Plinth's mental processes was always allowed for by the club; but this instance of it was too much for Mrs. Ballinger's equanimity.

"Xingu!" she scoffed. "Why, it was the fact of our knowing so much more about it than she did—unprepared though we were—that made Osric Dane so furious. I should have thought that was plain enough to everybody!"

This retort impressed even Mrs. Plinth, and Laura Glyde, moved by an impulse of generosity, said: "Yes, we really ought to be grateful to Mrs. Roby for introducing the topic. It may have made Osric Dane furious, but at least it made her civil."

"I am glad we were able to show her," added Miss Van Vluyck, "that a broad and up-to-date culture is not confined to the great intellectual centres."

This increased the satisfaction of the other members, and they began to forget their wrath against Osric Dane in the pleasure of having contributed to her discomfiture.

Miss Van Vluyck thoughtfully rubbed her spectacles. "What surprised me most," she continued, "was that Fanny Roby should be so up on Xingu."

This remark threw a slight chill on the company, but Mrs. Ballinger said with an air of indulgent irony: "Mrs. Roby always has the knack of making a little go a long way; still, we certainly owe her a debt for happening to remember that she'd heard of Xingu." And this was felt by the other members to be a graceful way of cancelling once for all the club's obligation to Mrs. Roby.

Even Mrs. Leveret took courage to speed a timid shaft of irony. "I fancy Osric Dane hardly expected to take a lesson in Xingu at Hillbridge!"

Mrs. Ballinger smiled. "When she asked me what we represented—do you remember?—I wish I'd simply said we represented Xingu!"

All the ladies laughed appreciatively at this sally, except Mrs. Plinth, who said, after a moment's deliberation: "I'm not sure it would have been wise to do so."

Mrs. Ballinger, who was already beginning to feel as if she had launched at Osric Dane the retort which had just

occurred to her, turned ironically on Mrs. Plinth. "May I ask why?" she enquired.

Mrs. Plinth looked grave. "Surely," she said, "I understood from Mrs. Roby herself that the subject was one it was as well not to go into too deeply?"

Miss Van Vluyck rejoined with precision: "I think that applied only to an investigation of the origin of the—of the—"; and suddenly she found that her usually accurate memory had failed her. "It's a part of the subject I never studied myself," she concluded.

"Nor I," said Mrs. Ballinger.

Laura Glyde bent toward them with widened eyes. "And yet it seems—doesn't it?—the part that is fullest of an esoteric fascination?"

"I don't know on what you base that," said Miss Van Vluyck argumentatively.

"Well, didn't you notice how intensely interested Osric Dane became as soon as she heard what the brilliant foreigner—he was a foreigner, wasn't he?—had told Mrs. Roby about the origin—the origin of the rite—or whatever you call it?"

Mrs. Plinth looked disapproving, and Mrs. Ballinger visibly wavered. Then she said: "It may not be desirable to touch on the—on that part of the subject in general conversation; but, from the importance it evidently has to a woman

of Osric Dane's distinction, I feel as if we ought not to be afraid to discuss it among ourselves—without gloves—though with closed doors, if necessary.”

“I'm quite of your opinion,” Miss Van Vluyck came briskly to her support; “on condition, that is, that all grossness of language is avoided.”

“Oh, I'm sure we shall understand without that,” Mrs. Leveret tittered; and Laura Glyde added significantly: “I fancy we can read between the lines,” while Mrs. Ballinger rose to assure herself that the doors were really closed.

Mrs. Plinth had not yet given her adhesion. “I hardly see,” she began, “what benefit is to be derived from investigating such peculiar customs—”

But Mrs. Ballinger's patience had reached the extreme limit of tension. “This at least,” she returned; “that we shall not be placed again in the humiliating position of finding ourselves less up on our own subjects than Fanny Roby!”

Even to Mrs. Plinth this argument was conclusive. She peered furtively about the room and lowered her commanding tones to ask: “Have you got a copy?”

“A—a copy?” stammered Mrs. Ballinger. She was aware that the other members were looking at her expectantly, and that this answer was inadequate, so she supported it by asking another question. “A copy of what?”

Her companions bent their expectant gaze on Mrs. Plinth, who, in turn, appeared less sure of herself than usual. "Why, of—of—the book," she explained.

"What book?" snapped Miss Van Vluyck, almost as sharply as Osric Dane.

Mrs. Ballinger looked at Laura Glyde, whose eyes were interrogatively fixed on Mrs. Leveret. The fact of being deferred to was so new to the latter that it filled her with an insane temerity. "Why, Xingu, of course!" she exclaimed.

A profound silence followed this challenge to the resources of Mrs. Ballinger's library, and the latter, after glancing nervously toward the Books of the Day, returned with dignity: "It's not a thing one cares to leave about."

"I should think not!" exclaimed Mrs. Plinth.

"It is a book, then?" said Miss Van Vluyck.

This again threw the company into disarray, and Mrs. Ballinger, with an impatient sigh, rejoined: "Why—there is a book—naturally..."

"Then why did Miss Glyde call it a religion?"

Laura Glyde started up. "A religion? I never—"

"Yes, you did," Miss Van Vluyck insisted; "you spoke of rites; and Mrs. Plinth said it was a custom."

Miss Glyde was evidently making a desperate effort to recall her statement; but accuracy of detail was not

her strongest point. At length she began in a deep murmur: "Surely they used to do something of the kind at the Eleusinian mysteries—"

"Oh—" said Miss Van Vluyck, on the verge of disapproval; and Mrs. Plinth protested: "I understood there was to be no indelicacy!"

Mrs. Ballinger could not control her irritation. "Really, it is too bad that we should not be able to talk the matter over quietly among ourselves. Personally, I think that if one goes into Xingu at all—"

"Oh, so do I!" cried Miss Glyde.

"And I don't see how one can avoid doing so, if one wishes to keep up with the Thought of the Day—"

Mrs. Leveret uttered an exclamation of relief. "There—that's it!" she interposed.

"What's it?" the President took her up.

"Why—it's a—a Thought: I mean a philosophy."

This seemed to bring a certain relief to Mrs. Ballinger and Laura Glyde, but Miss Van Vluyck said: "Excuse me if I tell you that you're all mistaken. Xingu happens to be a language."

"A language!" the Lunch Club cried.

"Certainly. Don't you remember Fanny Roby's saying that there were several branches, and that some were hard to trace? What could that apply to but dialects?"

Mrs. Ballinger could no longer restrain a contemptuous laugh. "Really, if the Lunch Club has reached such a pass that it has to go to Fanny Roby for instruction on a subject like Xingu, it had almost better cease to exist!"

"It's really her fault for not being clearer," Laura Glyde put in.

"Oh, clearness and Fanny Roby!" Mrs. Ballinger shrugged. "I daresay we shall find she was mistaken on almost every point."

"Why not look it up?" said Mrs. Plinth.

As a rule this recurrent suggestion of Mrs. Plinth's was ignored in the heat of discussion, and only resorted to afterward in the privacy of each member's home. But on the present occasion the desire to ascribe their own confusion of thought to the vague and contradictory nature of Mrs. Roby's statements caused the members of the Lunch Club to utter a collective demand for a book of reference.

At this point the production of her treasured volume gave Mrs. Leveret, for a moment, the unusual experience of occupying the centre front; but she was not able to hold it long, for *Appropriate Allusions* contained no mention of Xingu.

"Oh, that's not the kind of thing we want!" exclaimed Miss Van Vluyck. She cast a disparaging glance over Mrs. Ballinger's assortment of literature, and added impatiently: "Haven't you any useful books?"

“Of course I have,” replied Mrs. Ballinger indignantly; “I keep them in my husband’s dressing-room.”

From this region, after some difficulty and delay, the parlour-maid produced the W-Z volume of an Encyclopaedia and, in deference to the fact that the demand for it had come from Miss Van Vluyck, laid the ponderous tome before her.

There was a moment of painful suspense while Miss Van Vluyck rubbed her spectacles, adjusted them, and turned to Z; and a murmur of surprise when she said: “It isn’t here.”

“I suppose,” said Mrs. Plinth, “it’s not fit to be put in a book of reference.”

“Oh, nonsense!” exclaimed Mrs. Ballinger. “Try X.”

Miss Van Vluyck turned back through the volume, peering short-sightedly up and down the pages, till she came to a stop and remained motionless, like a dog on a point.

“Well, have you found it?” Mrs. Ballinger enquired after a considerable delay.

“Yes. I’ve found it,” said Miss Van Vluyck in a queer voice.

Mrs. Plinth hastily interposed: “I beg you won’t read it aloud if there’s anything offensive.”

Miss Van Vluyck, without answering, continued her silent scrutiny.

“Well, what is it?” exclaimed Laura Glyde excitedly.

“Do tell us!” urged Mrs. Leveret, feeling that she would have something awful to tell her sister.

Miss Van Vluyck pushed the volume aside and turned slowly toward the expectant group.

“It’s a river.”

“A river?”

“Yes: in Brazil. Isn’t that where she’s been living?”

“Who? Fanny Roby? Oh, but you must be mistaken. You’ve been reading the wrong thing,” Mrs. Ballinger exclaimed, leaning over her to seize the volume.

“It’s the only Xingu in the Encyclopaedia; and she has been living in Brazil,” Miss Van Vluyck persisted.

“Yes: her brother has a consulship there,” Mrs. Leveret interposed.

“But it’s too ridiculous! I—we—why we all remember studying Xingu last year—or the year before last,” Mrs. Ballinger stammered.

“I thought I did when you said so,” Laura Glyde avowed.

“I said so?” cried Mrs. Ballinger.

“Yes. You said it had crowded everything else out of your mind.”

“Well you said it had changed your whole life!”

“For that matter. Miss Van Vluyck said she had never grudged the time she’d given it.”

Mrs. Plinth interposed: "I made it clear that I knew nothing whatever of the original."

Mrs. Ballinger broke off the dispute with a groan. "Oh, what does it all matter if she's been making fools of us? I believe Miss Van Vluyck's right—she was talking of the river all the while!"

"How could she? It's too preposterous," Miss Glyde exclaimed.

"Listen." Miss Van Vluyck had repossessed herself of the *Encyclopaedia*, and restored her spectacles to a nose reddened by excitement. "'The Xingu, one of the principal rivers of Brazil, rises on the plateau of Mato Grosso, and flows in a northerly direction for a length of no less than one thousand one hundred and eighteen miles, entering the Amazon near the mouth of the latter river. The upper course of the Xingu is auriferous and fed by numerous branches. Its source was first discovered in 1884 by the German explorer von den Steinen, after a difficult and dangerous expedition through a region inhabited by tribes still in the Stone Age of culture.'"

The ladies received this communication in a state of stupefied silence from which Mrs. Leveret was the first to rally. "She certainly did speak of its having branches."

The word seemed to snap the last thread of their incredulity. "And of its great length," gasped Mrs. Ballinger.

“She said it was awfully deep, and you couldn’t skip—you just had to wade through,” Miss Glyde added.

The idea worked its way more slowly through Mrs. Plinth’s compact resistances. “How could there be anything improper about a river?” she enquired.

“Improper?”

“Why, what she said about the source—that it was corrupt?”

“Not corrupt, but hard to get at,” Laura Glyde corrected. “Some one who’d been there had told her so. I daresay it was the explorer himself—doesn’t it say the expedition was dangerous?”

“Difficult and dangerous,” read Miss Van Vluyck.

Mrs. Ballinger pressed her hands to her throbbing temples. “There’s nothing she said that wouldn’t apply to a river—to this river!” She swung about excitedly to the other members. “Why, do you remember her telling us that she hadn’t read ‘The Supreme Instant’ because she’d taken it on a boating party while she was staying with her brother, and some one had ‘shied’ it overboard—‘shied’ of course was her own expression.”

The ladies breathlessly signified that the expression had not escaped them.

“Well—and then didn’t she tell Osric Dane that one of her books was simply saturated with Xingu? Of course

it was, if one of Mrs. Roby's rowdy friends had thrown it into the river!"

This surprising reconstruction of the scene in which they had just participated left the members of the Lunch Club inarticulate. At length, Mrs. Plinth, after visibly labouring with the problem, said in a heavy tone: "Osric Dane was taken in too."

Mrs. Leveret took courage at this. "Perhaps that's what Mrs. Roby did it for. She said Osric Dane was a brute, and she may have wanted to give her a lesson."

Miss Van Vluyck frowned. "It was hardly worth while to do it at our expense."

"At least," said Miss Glyde with a touch of bitterness, "she succeeded in interesting her, which was more than we did."

"What chance had we?" rejoined Mrs. Ballinger.

"Mrs. Roby monopolised her from the first. And that, I've no doubt, was her purpose—to give Osric Dane a false impression of her own standing in the club. She would hesitate at nothing to attract attention: we all know how she took in poor Professor Foreland."

"She actually makes him give bridge-teas every Thursday," Mrs. Leveret piped up.

Laura Glyde struck her hands together. "Why, this is Thursday, and it's there she's gone, of course; and taken Osric with her!"

“And they’re shrieking over us at this moment,” said Mrs. Ballinger between her teeth.

This possibility seemed too preposterous to be admitted. “She would hardly dare,” said Miss Van Vluyck, “confess the imposture to Osric Dane.”

“I’m not so sure: I thought I saw her make a sign as she left. If she hadn’t made a sign, why should Osric Dane have rushed out after her?”

“Well, you know, we’d all been telling her how wonderful Xingu was, and she said she wanted to find out more about it,” Mrs. Leveret said, with a tardy impulse of justice to the absent.

This reminder, far from mitigating the wrath of the other members, gave it a stronger impetus.

“Yes—and that’s exactly what they’re both laughing over now,” said Laura Glyde ironically.

Mrs. Plinth stood up and gathered her expensive furs about her monumental form. “I have no wish to criticise,” she said; “but unless the Lunch Club can protect its members against the recurrence of such—such unbecoming scenes, I for one—”

“Oh, so do I!” agreed Miss Glyde, rising also.

Miss Van Vluyck closed the Encyclopaedia and proceeded to button herself into her jacket “My time is really too valuable—” she began.

"I fancy we are all of one mind," said Mrs. Ballinger, looking searchingly at Mrs. Leveret, who looked at the others.

"I always deprecate anything like a scandal—" Mrs. Plinth continued.

"She has been the cause of one to-day!" exclaimed Miss Glyde.

Mrs. Leveret moaned: "I don't see how she could!" and Miss Van Vluyck said, picking up her note-book: "Some women stop at nothing."

"—but if," Mrs. Plinth took up her argument impressively, "anything of the kind had happened in my house" (it never would have, her tone implied), "I should have felt that I owed it to myself either to ask for Mrs. Roby's resignation—or to offer mine."

"Oh, Mrs. Plinth—" gasped the Lunch Club.

"Fortunately for me," Mrs. Plinth continued with an awful magnanimity, "the matter was taken out of my hands by our President's decision that the right to entertain distinguished guests was a privilege vested in her office; and I think the other members will agree that, as she was alone in this opinion, she ought to be alone in deciding on the best way of effacing its—its really deplorable consequences."

A deep silence followed this outbreak of Mrs. Plinth's long-stored resentment.

“I don’t see why I should be expected to ask her to resign—” Mrs. Ballinger at length began; but Laura Glyde turned back to remind her: “You know she made you say that you’d got on swimmingly in Xingu.”

An ill-timed giggle escaped from Mrs. Leveret, and Mrs. Ballinger energetically continued “—but you needn’t think for a moment that I’m afraid to!”

The door of the drawing-room closed on the retreating backs of the Lunch Club, and the President of that distinguished association, seating herself at her writing-table, and pushing away a copy of “The Wings of Death” to make room for her elbow, drew forth a sheet of the club’s note-paper, on which she began to write: “My dear Mrs. Roby—”

MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.

Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!

— •

literatura
livre

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.



Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

www.mojo.org.br

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

**Administração Regional no
Estado de São Paulo**

[Regional Administration of São Paulo State]

Presidente do Conselho Regional

[Regional Board Chairman]

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

[Regional Department Director]

Danilo Santos de Miranda

Superintendente de Comunicação Social

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Superintendente Técnico-Social

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

Gerentes

[Departments]

Sesc Digital

Fernando Amoedo Tuacek

Ação Cultural

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

Assessoria de Relações Internacionais

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

Diretor Executivo

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

Vice-Diretor Executivo

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

Diretoria

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

Conselheiro de Negócios

[Business Advisor]

Abel Reis

Curadoria Acadêmica

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

Organizador e Produtor Literatura Livre

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

Curadores e Editores

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

Revisores

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

Direção de Arte

[Art Director]

George Farwell

Ilustrações

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

Editoração Digital e Ebooks

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

Desenvolvedor

[Developer]

Andre Resende

Tradutores

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

O Leviaatã (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);
Crônicas do Japão (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)
e Ō-no-Yassumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (*The Folk Tales from
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);
Zanzibar Tales (1901), George W. Bateman (1850–1940);
Where Animals Talk (1912), Robert Hamill Nassau (1835–
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);
Coração das trevas (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelerkamp (1867–1945)

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

Mil novecentos e oitenta e quatro (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • **Contos de amor de loucura e de morte** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • **Contos da selva** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • **O boneco raivoso** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • **O ventre de Nápoles** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • **A metamorfose** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • **Hōjōki — Anotações na solidão da cabana** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • **O retorno** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • **Gravuras cariocas** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • **Xingu** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • **Avatar** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • **A Bota de Ferro** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • **Na baía** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • **Livro do tigre e do raposo** (*Kitāb Annamir wa Atta^ʿlab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • **Contos malévolos** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)